a história secreta da gestapo

jean dumont

Tradução de F. Romão

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

ÍNDICE

1. O Nascimento da Gestapo 09

2. As SS à frente de todas as polícias 51

3. A Gestapo aumenta o seu poder 97

4. A Gestapo contra a Wehrmacht 151

5. A Gestapo instala-se em Paris e dita
a política francesa 203

6. A Polícia Francesa face à Gestapo 273

7. A Gestapo contra a Resistência 329

8. Os Tráficos da Gestapo 381

9. A Gestapo reina na Europa 441

10. Operações Especiais 515

11. Atrocidades místicas 597

12. A Gestapo contra os Agentes Aliados 627

13. Os Franceses da Gestapo 673

14. Vestígios em todos os azimutes até
aos nossos dias 797

1

O Nascimento da Gestapo

BERLIM, 29 de janeiro de 1933. Por volta das dezassete horas. O porteiro do Hotel Kaiserhof vê subitamente entrar no hall um indivíduo que ele conhece bem: Hermann Goering, presidente do Reichstag, membro do Partido Nacional-Socialista de Adolf Hitler. Com grandes passadas, Goering passeia os seus cento e vinte e sete quilos pelo meio da elegante clientela cosmopolita que frequenta o estabelecimento. Dirige-se para um canto do grande salão, onde, perto de uma porta envidraçada, Hitler está a tomar o seu café na companhia do Dr. Joseph Goebbels. O rosto de Goering está radiante. Sem parar para recuperar o fôlego, ele diz para o Führer:

— Corre tudo bem... O general Warner von Blomberg aceitou o lugar de ministro do Exército... O «velho senhor»[1], *mein Führer,* receber-vos-á amanhã e confiar-vos-á a tarefa de formar o novo Governo, com Von Papen como vice-chanceler...

O mais belo dia de Goering

Nessa mesma noite, Goebbels escrevia no seu diário:

«É certamente, e a justo título, o mais belo dia de Goering. Ele preparou o terreno, com arte e diplomacia, após negociações que duraram meses, pode mesmo dizer-se anos... A sua prudência, a sua tenacidade, e acima de tudo a sua força de caráter e a sua lealdade para com o seu chefe foram reais e admiráveis. O seu rosto tomou o aspeto de uma máscara

[1] O «Velho Senhor» era o marechal-de-campo Paul von Hindenburg, presidente da República Alemã.

quando, no momento mais inflamado da luta, a sua querida mulher (Karin) lhe foi arrancada pela morte. Mas ele não fraquejou um só instante. Continuou a sua tarefa, forte e ardente, verdadeiro portador do escudo de Hitler. Esse soldado reto, de coração de criança, permaneceu fiel a si próprio, e ei-lo hoje diante do seu Führer, ao qual foi dar a mais feliz notícia da sua vida.»

Uma hora mais tarde, Goering despedia-se do seu Führer e de Goebbels, dirigindo-se depois para o seu gabinete presidencial do Reichstag. Dali telefonou para Weimar, para o Teatro Nacional, e pediu para falar a Emmy Sonnemann, que fazia o papel de Claire em *Egmont* e que se encontrava em ensaios. A elegante e loura Emmy era há seis meses amante do «paladino»[2] de Hitler, a sua grande consoladora, a sua paixão.

Logo que a jovem se encontrou do outro dado do fio, ele exclamou:

— Emmy! Conseguimos! Adolf Hitler será amanhã chanceler. E preciso que venhas a Berlim. Vou enviar-te um carro!

Quando a atriz chegou, ao fim do serão, a casa de Goering, este despedia-se de alguns convidados. Estava, como ela, morto de cansaço, mas disse-lhe:

— Amanhã de manhã cedo deves ir levar umas flores a Hitler. Isso deverá certamente dar-lhe prazer.

Emmy Sonnemann contaria:

«Tive dificuldade em arranjar essas flores, todas as lojas se tinham esvaziado. O ajudante-de-campo de Hitler conduziu-me junto do seu chefe. Ele encontrava-se perto de uma janela, grave, silencioso, parecendo isolado de tudo o que o rodeava, com uma expressão de assombro.

Lentamente, voltou-se para mim e, com um gesto quase amigável, aceitou as flores. Os ajudantes tinham amontoado todos os ramos chegados numa sala vizinha, sem lhe falarem nisso.

— São as primeiras — disse ele — e você é a primeira mulher a felicitar-me. Alegro-me especialmente com isso.

Fez-se silêncio. Compreendi que ele tinha necessidade de estar só e dirigi-me para a porta, de onde o ouvi ainda dizer:

— Sim, preciso de ficar durante um certo tempo só comigo mesmo.

[2] Goering, herói da Primeira Guerra Mundial, gozava de um grande prestígio que fazia com que lhe chamassem «o paladino mais fiel do nosso Führer», o que muito o orgulhava.

Voltei a falar com Hermann por pouco tempo ao meio-dia.

— É realmente um instante maravilhoso — disse ele — aquele em que sabemos que conseguimos os nossos objetivos.

Não manifestou qualquer alegria delirante, nenhum entusiasmo aparente; tudo se passava dentro dele.»

A misteriosa cruz gamada

Hermann Goering ia tornar-se rapidamente «número 2» do III Reich. Nascido a 18 de janeiro de 1893, era, como Hitler e Roehm, um antigo soldado da Grande Guerra, e, como eles, não conseguia readaptar-se à vida civil. Em outubro ou novembro de 1922, encontrava-se em Munique (onde estudava História e Ciências Políticas) quando a sua atenção foi atraída pelo Führer do NSDAP[3] por Alfred Rosenberg, que o levara a ouvir Hitler ao Café Neumann.

Mais tarde diria: «Senti instintivamente, de repente, que estava ali o chefe de que a Alemanha precisava.»

O ás da Primeira Guerra Mundial, um dos melhores pilotos da aviação alemã, juntamente com o célebre barão Manfred von Richthofen, condecorado com a Cruz de Cavaleiro (Ritterkreuz), com a Cruz de Ferro e com a mais alta distinção alemã, a «Ordem de Mérito», lembrou-se bruscamente de que já encontrara aquela cruz gamada que tanto o fascinava e que adornava o estrado em que Hitler acabava de falar. Fora no inverno de 1921. Goering, que tinha então vinte e oito anos, era piloto da companhia aérea sueca Aktiebolaget Svensk Lufttrafik. O jovem, mas ousado e já célebre explorador, conde Eric von Rosen, pediu a Goering se lhe seria possível fazer a viagem direta Estocolmo/Rockelsta, (onde se erguia o seu castelo), apesar da neve que caía abundantemente sobre o aeródromo e sobre toda a região. O antigo ás da guerra aceitou. A viagem foi assustadora. Um vento contrário atirava a neve para cima dos rostos do piloto e do passageiro, enquanto o avião era sacudido pela tempestade por cima das colinas de pinheiros. Finalmente, Goering pousou o avião sobre o gelo do lago Baven, perto das muralhas de pedra vermelha

[3] Abreviatura de *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiter-Partei*: («Partido Nacional-Socialista Alemão dos Operários»).

do castelo de Rockelsta. Piloto e passageiro, semigelados, tomaram um bom banho quente e um grogue fumegante. A condessa acolheu muito cordialmente esse hóspede vindo do céu, aureolado pela sua passada glória guerreira. Um pouco antes da ceia, apareceu na sala uma mulher de trinta e dois anos e apresentaram-lhe o aviador alemão. Tratava-se de Karin von Kantzow, cujo marido era oficial no Exército sueco, e irmã da condessa Von Rosen. Goering ficou deslumbrado com a beleza dela. Foi amor à primeira vista recíproco. Após terem sido ultrapassados muitos impedimentos, Karin tornar-se-ia, no dia 3 de fevereiro de 1923, a primeira Frau Goering. De momento, os dois casais aqueciam-se diante da chaminé monumental, cuja coberta era bordada com uma cruz de forma bizarra.

O conde Von Rosen explicou que se tratava da suástica, ou cruz gamada. Lançado no assunto, mostrou-se infatigável. Durante todo o jantar, falou da tradição nórdica da Hiperbórea, contou a lenda de Thule, afirmou que o povo só seria salvo por um novo «Messias dos Arianos», que renovasse o pacto com as «inteligências do exterior» e que soubesse rodear-se de jovens chefes pertencentes à «nova raça dos senhores». Goering escutava-o, subjugado por aquelas revelações revolucionárias e, ao mesmo tempo, fascinado pela beleza irradiante de Karin von Kantzow. O conde Eric von Rosen, sabendo que Goering era da Baviera, revelou-lhe então a existência da «Sociedade Thule», cujo centro era em Munique. Não lhe escondeu ser membro dessa sociedade e deu-lhe o endereço de um dos seus amigos, filósofo, germano-balta, também membro da Sociedade Thule e residente em Munique: Alfred Rosenberg. Ao deixar o castelo de Rockelsta, Hermann Goering levava no coração duas imagens: a da bela Karin e a da misteriosa cruz gamada. Ignorava que acabava de traçar o seu destino.

Chefe das secções de assalto

Um ano depois, saindo da reunião durante a qual pela primeira vez ouvira falar Adolf Hitler, Goering declarou à sua futura mulher, Karin:

— Sou por este homem de corpo e alma.

No dia seguinte, dirigiu-se à sede do NSDAP, no número 12 da Cor-

neliusstrasse, e encontrou-se frente a frente com Hitler. O entendimento foi total. Goering aderiu ao partido.

Durante o processo de Nuremberga, o próprio Goering contaria:

«Hitler procurava há muito um chefe que se tivesse distinguido duma maneira ou doutra durante a guerra e que gozasse assim da autoridade necessária... O facto de eu me pôr à disposição dele, eu que fora o último comandante da esquadrilha Richthofen, parecia-lhe ser um golpe de sorte. Respondi que me seria pouco agradável ter, logo de entrada, um lugar de direção: poderiam dizer que eu tinha ido ter com ele só com esse objetivo. Encontrámos finalmente um terreno de entendimento. Durante um ou dois meses eu ficaria na sombra e só assumiria funções dirigentes passado esse prazo. Mas a minha influência devia manifestar-se sem demora. Concordei com isso. Foi assim que me liguei a Adolf Hitler.»

Hitler confiaria a Goering o comando da Sturmabteilung «secção de assalto», como abreviatura SA, cujo chefe de estado-maior era o capitão Roehm.

A respeito da transformação realizada por Goering em numerosas unidades das SA, possuímos uma interessante declaração de Hitler: «Ele [Goering] era o único dos seus dirigentes que conseguiu comandá-los como era preciso. Confiei-lhe um grupo indisciplinado. Em muito pouco tempo fez deles uma divisão organizada de onze mil homens.»

Enquanto Goering comandava as SA, achava que não podia viver longe de Munique e dos homens de ação que devia dirigir diariamente. Os Goering arranjaram dinheiro graças a uma hipoteca e a uma fiança, depois deixaram Hochkreuth, indo viver para uma casinha nova que ainda cheirava a estuque e a tintas frescas, em Obermenzing, nos arredores de Munique. Dali, Hermann tinha apenas de apanhar o elétrico que o conduzia diretamente ao gabinete de Hitler, ao próprio coração do partido.

Ferido no *putsch*

Aquando do *putsch* falhado em Munique, no decorrer dos dias 8 e 9 de novembro de 1923, Goering, que caminhava na frente do cortejo, junto de Hitler, de Rodolfo Hess e do general Ludendorff, foi atingido por duas

balas disparadas pelos polícias. Os ferimentos (na virilha) eram graves. Alguns defensores das SA conduziram-no em segredo para uma clínica dirigida por um amigo, o professor Von Ach. Após os primeiros socorros, Goering, contra o qual existia um mandado de captura, foi transportado para casa de uns amigos numa cidade próxima da fronteira austríaca, em Garmisch-Partenkirchen, depois para o hospital de Innsbruck, na Áustria. Para atenuar os seus sofrimentos, os médicos utilizaram morfina. A 24 de dezembro de 1923, ele pôde deixar o hospital e instalar-se no Hotel Tiroler, cujo proprietário era um simpatizante nazi.

Em fevereiro de 1924, Goering pôde voltar a caminhar e reiniciou a sua atividade política. Percorrendo a Áustria, ele ia organizando os nazis. Entretanto, dois perigos ameaçavam o seu lar: Karin estava doente (morreria de tuberculose) e Hermann abusava da morfina para acalmar as dores que continuava a sentir.

Em abril de 1924, os dois esposos partiram para Itália, onde permaneceram durante um ano. Depois dirigiram-se para a Suécia, onde os pais de Karin tiveram a brusca revelação daquilo em que o seu genro se tornara. Aos trinta e dois anos, Goering estava obeso e a sua pele tinha o tom macilento de mulher velha. Além disso, o heroico aviador era agora um drogado, um morfinómano. Começava a dar sinais de loucura e a tornar-se perigoso.

Um dia tentou estrangular uma enfermeira do hospital de Aspuden que lhe recusava morfina. Foi preciso interná-lo no asilo de alienados de Langbro, na área dos violentos. O médico que o examinou e conseguiu curá-lo da intoxicação deixou-nos este diagnóstico:

«Como psiquiatra, vi Goering "sem máscara", não era um espetáculo agradável. Tinha aquilo a que nós chamamos um temperamento "histérico", isto é, uma personalidade desprovida de equilíbrio. Com poucos minutos de intervalo, essa personalidade podia revestir-se de dois aspetos inteiramente diferentes. Mostrava-se sentimental para com os seus e perfeitamente insensível em relação a qualquer outra pessoa.»

Ao fim de três meses, considerado curado, Goering deixou o asilo de Langbro. No outono de 1927, o novo presidente da República Alemã, Hindenburg, proclamou a amnistia política. Goering podia por fim regressar ao seu país.

Hitler acolheu o seu antigo companheiro com pouco entusiasmo. Confidências sobre o estado de Goering tinham sido feitas ao Führer

do NSDAP, que se mostrou frio e distante. A direção das SA continuou a estar nas mãos de Franz Pfeffer von Salomon, e Goering, com grande deceção sua, teve de ir para Berlim para arranjar trabalho. Continuava no entanto ligado a Hitler e ao Partido Nazi. Tendo-se tornado representante de três firmas aeronáuticas (a BMW, a Heinkel e a Tornblad), apresentou-se, em maio de 1928, às eleições legislativas na Baviera, e foi eleito. Em setembro de 1930, quando da «maré-alta» nazi, foi reeleito. O NSDAP obtinha 6.409.600 votos (contra 810.000 em 1928) e 107 lugares no Reichstag (contra 12 lugares anteriormente).

Mas a alegria de Goering foi misturada com amargura. Enquanto ele sonhara voltar a estar à frente das SA, viu que Hitler chamava o capitão Ernst Roehm, que se encontrava então na Bolívia, e fazia dele o grande chefe do Exército castanho.

O estado de saúde de Karin não cessava de se agravar, perdendo muitas vezes os sentidos. Sucumbiu a 17 de outubro de 1931. Goering teve um desgosto profundo. Prestaria à esposa desaparecida um culto apaixonado, até à altura do seu suicídio, em 1946.

A 31 de julho de 1932 houve novas eleições que deram aos nazis uma vitória parlamentar ainda maior: obtiveram 230 lugares dos 608 do Reichstag. Mas Hindenburg recusou-se a nomear Hitler chanceler, mantendo nesse posto o seu amigo Von Papen.

A 30 de agosto, uma coligação do centro, dos nazis e do partido do povo bávaro fez de Goering o presidente do Reichstag.

Desde então, tendo recuperado a plena confiança de Hitler, Goering não cessou de abrir caminho à Chancelaria do Reich ao seu Führer.

E conseguiu-o.

O «gordo» Goering torna-se polícia

Berlim, 30 de janeiro de 1933. Um frio intenso reina sobre a cidade desde há uma semana. A noite cai. O frio parece mais penetrante. No entanto, as ruas estão cheias de pessoas entusiasmadas, entre as quais se encontram numerosos portadores de tochas. Os nazis de uniforme castanho, triunfantes, enchem a cidade. A multidão amontoa-se, cada vez mais densa, ao longo de Wilhehmstrasse e da Wilhehmsplatz. Precedi-

dos de fanfarras, de imensas bandeiras e estandartes com a cruz gamada, os camisas-castanhas desfilavam interminavelmente diante da Chancelaria do Reich, onde se via, a uma das janelas, Hitler, rígido, com o braço direito estendido, a madeixa de cabelos caída para a testa, o olhar vago e sem a sombra de um sorriso nos lábios.

O III Reich ia nascer. Qual seria o futuro da Alemanha, passada nesse dia para as mãos dos nacionais-socialistas, sob a autoridade de Hitler, que Hindenburg acabava de nomear chanceler?

Com uma voz tonitruante e triunfal, Hermann Goering comunica o seu entusiasmo aos microfones da Radiodifusão do Reich.

«O dia 30 de janeiro de 1933 entrará na História da Alemanha como o dia em que a nação reencontrou a sua glória de antanho, como o dia em que uma nação nova despertou e repeliu catorze anos de dilaceramentos, de sofrimentos e de vergonha... Eis o ilustre marechal da Guerra Mundial e, a seu lado, o jovem Führer da Alemanha que vai conduzir o povo do Reich para uma era nova e melhor. Possa o povo alemão acolher este dia tão alegremente como as centenas de milhares de berlinenses reunidos debaixo destas janelas e animados por uma nova fé (...). Que o futuro nos traga aquilo por que combatemos desde há muito em vão: pão e trabalho para os nossos compatriotas, a liberdade e a glória para a nação.»

Nesse dia de festa, quem imaginaria que um regime de terror se iria instalar na Alemanha, comparável apenas ao regime estalinista? No entanto, aquele que falava na rádio alemã, o bom «gordo» Goering, detém desde há algumas horas nas suas mãos um poder temível que iria criar um organismo cujo nome faria temer a Europa inteira: a Gestapo.

Sem dúvida, no novo gabinete, Goering é um ministro sem pasta. Mas é também comissário do Reich para a aviação e igualmente ministro do Interior do Governo prussiano. O primeiro cargo faz de Goering o plenipotenciário de Hitler, o seu «paladino», o seu embaixador extraordinário. O segundo lugar implica que ele terá em breve a missão especial de desenvolver — dever-se-ia dizer, fazer nascer — a força aérea do Reich. Quanto ao terceiro, a sua importância não pode ser imediatamente percebida por um leitor não alemão. Praticamente, e em teoria até 1935, existiam dois Governos em Berlim: o do Reich e o da Prússia. A autoridade deste último exercia-se sobre cerca de dois terços da Alemanha, da Renânia à fronteira polaca. E como na República de Weimar a Polícia

dependia do Governo provincial, Goering tinha sob as suas ordens dois terços das forças policiais alemãs, nomeadamente as de Berlim.

Logo que chegou ao poder, Goering, que sabia a força que pode dar a um chefe político a alta chefia da Polícia, passou à ação. Fez na Polícia da Prússia mudanças radicais. Em fevereiro de 1933, de trinta e dois comissários da Polícia ele demitiu vinte e dois, que foram imediatamente substituídos por nazis recrutados nas SA. Arma os polícias com revólveres, pois as matracas e cassetetes de borracha até então utilizados eram para ele «armas desprezíveis».

A 17 de fevereiro declarou:

«O terrorismo e os ataques comunistas não devem ser encarados com ligeireza. A Polícia não deve hesitar em disparar em caso de necessidade. Defenderei pessoalmente os agentes que tenham feito uso das suas armas, sejam quais forem as consequências dos seus atos.»

Alguns dias depois, em Dortmund, foi ainda mais preciso:

«De futuro um só homem será o detentor do poder e assumirá a responsabilidade na Prússia: eu. Quem cumprir o seu dever ao serviço do Estado; quem, em execução das minhas ordens, utilizar impiedosamente as armas perante a agressão, pode estar certo da minha proteção (...). Cada bala que sair de um revólver da Polícia é a minha bala. Se chamarem a isso crime, serei eu então o criminoso (...). Conheço dois géneros de leis porque conheço dois géneros de homens: aqueles que estão connosco e aqueles que estão contra nós.»

Entretanto, Hitler obteve a dissolução do Reichstag. A 5 de março realizar-se-ão novas eleições. Goering não hesita em pôr a Polícia do Estado ao serviço da campanha do NSDAP. No seu manifesto de 17 de fevereiro, ele diz ainda:

«Conto com todas as autoridades da Polícia para criar e manter as melhores relações com as associações e partidos nacionais nas fileiras dos quais se encontram as forças de renovação política mais importantes. Além disso, qualquer forma de ação de propaganda com um objetivo nacional deve ser totalmente apoiada. Por outro lado deve opor-se pelos meios mais enérgicos às atividades das organizações hostis ao Estado.»

Todas as reuniões comunistas foram proibidas. A imprensa comunista é atingida. A imprensa socialista também o será em breve.

As diretivas dadas à Polícia provocam desordens e chacinas. Oradores antinazis são mortos no decorrer de reuniões e comícios dos so-

ciais-democratas e mesmo do centro católico. No decorrer desse mês de fevereiro foram mortos cinquenta e um antinazis.

A 22 de fevereiro, Goering dá mais um passo no reforço da Polícia, daí em diante ao serviço dos nazis, instaurando por decreto uma força policial auxiliar saída das SA e das SS: 25.000 SA e 10.000 SS recebem braçadeiras que lhes permitem atuar como polícia auxiliar. Em breve, 15.000 membros do Stahlhelm[4] recebem também braçadeiras. Resulta daí um regime de terror como Berlim nunca tinha conhecido. Torturas, prisões arbitrárias, assassínios, passam a fazer parte do dia a dia.

A 24 de fevereiro, Goering ordena uma busca ao quartel-general dos comunistas, a Karl-Liebknecht-Haus. A operação conduz à descoberta, nas caves do edifício, de toda uma literatura de propaganda antinazi. A repressão e as prisões redobram. As SA abrem em Orianenburgo um campo de concentração «particular» e a polícia berlinense cria, na Papestrasse, em Colombia-Haus, uma «prisão pessoal», que é controlada apenas pelo ministro da Justiça, o Dr. Gurtner...

O incêndio do Reichstag

A 27 de fevereiro, entre as 21.05 e as 21.14 horas, declara-se fogo no Reichstag. Posto por quem? «Pelos comunistas», responde imediatamente Goering. «Pelas SA», respondem os adversários do nazismo, que esclarecem até: «Foi Goering quem deu essa ordem!» Goering negou sempre, mesmo nos processos de Nuremberga, tanto em público como em privado. E todos os documentos antinazis que o põem em causa, a circularem desde 1933 a 1934, aparecem hoje como sendo falsos. Quem poderá saber o que se passou? Aqueles que estavam realmente ao corrente estão todos mortos. Fosse como fosse, às 21.27 horas uma formidável explosão abalou todos os vidros do hemiciclo. Oito minutos mais tarde, quando Goering lá chegou, o Reichstag não era mais do que um gigantesco braseiro cujo clarão, que iluminava o céu, era visível a mais de dez quilóme-

[4] O Stahlhelm («Capacete de Aço») era uma associação de antigos combatentes fundada depois da Primeira Guerra Mundial. Era um movimento nacionalista que aderiu ao DNVP (*Deutsch-nationale Volkspartei*) de Hugenberg. Hitler dissolveu-o em 1934.

tros da capital. Hitler chegou tardiamente ao local, acompanhado por Goebbels. Junto do incêndio, que contempla com ar sonhador, Hitler exclama de repente: «É um sinal de Deus!»

O Führer compreendeu o sentido simbólico do acontecimento. Os incendiários, seja a que tendências pertençam, fizeram uma «obra purificadora.» Era o sistema parlamentar que desaparecia naquele braseiro. As grandes chamas vermelhas são anunciadoras da grande revolução nacional-socialista que vai surgir na Alemanha. A «loja das tagarelices», segundo a expressão de Goebbels, desmorona-se. Com ela desaparece o que resta da Constituição de Weimar. E o fim da república. Competirá ao III Reich varrer os escombros e construir o seu novo templo.

H. B. Gisevius notaria:

«Eis que já em todo esse furor se anuncia a ordem nova: forças temíveis, até agora desconhecidas, surgem como que ligadas às forças naturais, e vão impor-se sem que nada possa resistir-lhes. Uma tal verificação diz mais, infinitamente mais ao povo consternado, do que poderão dizer-lhe todos os relatórios circunstanciados da Polícia sobre o incêndio.»

Goering não perde um segundo. Lança-se imediatamente na exploração política do atentado, atirando-se com veemência sobre os comunistas, acusados de serem mais uma vez «os inimigos declarados do Estado».

O decreto de 28 de fevereiro

No dia seguinte, 28 de fevereiro, Hitler leva o presidente Hindenburg a assinar um decreto «para a proteção do povo e do Estado», qualificado de «medida defensiva contra os atos de violência cometidos pelos comunistas». O alcance desse decreto é grande: suspende com efeito imediato as garantias de liberdade pessoal e de liberdade de expressão, mas também a liberdade de imprensa, os direitos de reunião e de associação. Permite a violação do segredo das comunicações postais, telefónicas e telegráficas, as buscas domiciliárias e mesmo as ordens de confiscação... Um dos artigos desse decreto é especialmente significativo (art. 5º): au-

menta, até à pena de morte, as penas previstas para os delitos de alta traição, envenenamento e sabotagem. Prevê igualmente a pena capital ou os trabalhos forçados para toda a vida em caso de conspiração contra a vida dos membros do Governo, ou infração grave contra a ordem pública.

O mecanismo da servidão aperfeiçoa-se assim peça a peça. Junto de Goering, o perito é um jovem funcionário do Ministério da Polícia prussiano, Rudolf Diels, que ele conheceu em 1932.

Elegante mas sinistro, intrigante, observador, perspicaz, sempre pronto a lisonjear o mais poderoso, sem quaisquer escrúpulos, Diels passou da extrema-direita para o socialismo, depois virou a casaca quando sentiu o vento nazi soprar em direção ao Poder. É agora o braço-direito de Goering, tendo entretanto casado com uma sobrinha dele, Ilsa.

Este pormenor tem a sua importância: relacionado desde há muito com os meios mais baixos de Berlim, Diels conseguiu comprar cartas íntimas de Roehm, nas quais o chefe do estado-maior das SA manifesta abertamente as suas inclinações homossexuais. Mostrou-as a Goering, assim como certos dossiês ultrassecretos contendo coisas capazes de desonrar os seus adversários, quer eles fossem nazis ou antinazis. Goering aprecia devidamente essas informações. Diels tornou-se indispensável ao novo senhor da Polícia prussiana.

A «Lei dos plenos poderes»

As eleições de 5 de março de 1933 são um novo êxito para os nazis. Se bem que não obtenham senão 44 por cento do total dos votos, ganham 5.500.000 votos. E o centro católico ganha votos também, passando de 4.230.600 para 4.424.900, aos quais é preciso juntar-se os do seu aliado, o partido católico do povo bávaro: 1.075.100 votos. Os sociais-democratas, no entanto, permanecem o segundo partido da Alemanha com 7.181.621 votos. O Partido Comunista perde cerca de 1.000.000 de votos e tem uma votação de 4.848.058. Os últimos são os nacionalistas de Von Papen e de Hugenberg: 3.136.700, ou seja, 8 por cento dos sufrágios. No Reichstag, Hitler dispõe dos 288 lugares nazis e dos 52 lugares nacionalistas, ou seja, de uma maioria de 16 votos. É o suficiente para governar. Todavia, Hitler quer que o Reichstag lhe conceda plenos poderes por

quatro anos, pelo voto de uma «Lei para a prevenção da desgraça para o povo e para o Reich», e para isso precisa de uma maioria de dois terços. O problema resolve-se dentro em pouco da maneira mais simples: os 81 deputados comunistas são presos, ao mesmo tempo que os doze sociais-democratas. A partir dessa altura, a 23 de março de 1933, Hitler obtém sem dificuldade a maioria necessária: 441 votos a favor da lei, 94 votos contra (os dos sociais-democratas). O Reichstag assinou a sua condenação à morte. Como anunciavam as chamas do incêndio de 27 de fevereiro, o regime parlamentar desmoronou-se. Começava a ditadura do nacional-socialismo, não por quatro anos, mas por todo o tempo que o destino lhe concedesse.

A 31 de março, Hitler, utilizando pela primeira vez a «Lei dos plenos poderes», promulga uma outra que dissolve as assembleias de todos os Estados. A 7 de abril, uma nova lei nomeia os governadores do Reich (*Reichsstatthalter*) em todos os Estados da Alemanha. E a unificação realizada, aquilo que nem Bismarck nem Guilherme II nem os revolucionários de 1918-1919 nem os tímidos dirigentes da República de Weimar tinham ousado fazer. A partir do dia 7 de abril de 1933, os antigos Estados alemães passam a ser apenas províncias dependentes do Poder central de Berlim.

A 8 de abril, uma lei sobre a restauração do funcionalismo dá a Hitler o direito de depurar as administrações de todos os membros da oposição e também dos «não arianos» (os judeus, por consequência). A partir de então, acelera-se a perseguição aos funcionários judeus. Goebbels fala da «arianização do Estado». Esta tornar-se-á total em setembro de 1933, quando a nomeação dos altos funcionários passar para Rudolf Hess, ministro de Estado e «delegado do Führer».

Para completar esta primeira «revolução», que os próprios nazis denominaram «acertar o passo» (*Gleichschaltung*), Hitler elimina todos os partidos políticos que não sejam o NSDAP. São todos «liquidados» entre 26 de maio e 5 de julho.

A 14 de junho, o Führer redige uma «lei para a proteção do povo e do Reich», que diz: «O NSDAP constitui o único partido político da Alemanha.»

Goering cria a Gestapo

Menos espetacular que essas medidas políticas, mas muitíssimo mais perigoso, é o decreto, promulgado por Hermann Goering a 26 de abril de 1933, criando uma Polícia Secreta do Estado: a Geheime Staatspolizei (por abreviatura Gestapo), posta sob as ordens do ministro do Interior da Prússia, isto é, dele mesmo. Na referida data, Diels é nomeado chefe-adjunto desse organismo. A Polícia política deixa os locais que ocupava e instala-se metade na antiga Karl-Liebknecht-Haus, e a outra metade no número 8 da Prinz-Albrecht-Strasse, perto da residência de Goering. É criado um gabinete dessa Gestapo em cada distrito da Prússia, ficando subordinado ao serviço central de Berlim. Todavia, notemo-lo, o conjunto da rede da recém-criada Gestapo não ultrapassava, na altura, as fronteiras da Prússia.

Um ano mais tarde, Goering escreveria num texto destinado à propaganda nazi na Grã-Bretanha:

«Criei por minha iniciativa a Polícia Secreta do Estado (Gestapo). E esta instituição, tão temida pelos inimigos do Estado, que se encontra eminentemente na origem do facto de não existir o perigo comunista ou marxista na Prússia e na Alemanha... Aquilo que Diels e os seus homens realizaram ficará para sempre como um dos títulos de glória dos primeiros anos do renascimento alemão... Tivemos de tratar os inimigos do Estado sem a mínima piedade... Assim, abrimos campos de concentração para onde foram enviados, para começar, os milhares de funcionários comunistas e sociais-democratas. Que de início tenham sido cometidos excessos, é mais que natural, como é natural que tenham havido sevícias aqui e ali... Mas se considerarmos a grandeza da tarefa...»

Perante as legiões castanhas

Todavia, por mais segura que se mostrasse, a posição policial de Goering estava longe de não ser contestada. Vai ter de enfrentar por um lado Roehm e as suas poderosas SA, e por outro Himmler e as suas SS.

As legiões castanhas de Roehm representavam uma força numérica considerável. Diferiam totalmente dos camisas-pretas, as SS. Es-

tes últimos — um pequeno número — representavam uma espécie de aristocracia nova pela severidade com que a sua escolha era feita, pela sua formação e pela sua rude disciplina, além da homogeneidade e rigor das suas estruturas. Não se passava o mesmo com as SA. Estas eram recrutadas entre a classe média e a pequena-burguesia primária, entre os camponeses e os operários. Formavam um partido de massa, uma massa heterogénea, sem ideal nem verdadeiro objetivo definido, pouco estruturado. Mas essa massa era fanatizada por Roehm, que reunia todos os domingos e várias vezes por semana centenas de milhares de civis, que se arrancavam voluntariamente às suas famílias, ao descanso, aos divertimentos, para envergarem o uniforme e sujeitarem-se à disciplina do treino militar. A massa heterogénea estava prestes a tornar-se uma força revolucionária. Ora, essa evolução inquieta, por razões diferentes, simultaneamente Hitler, Goering e Himmler.

Não sem discussões por vezes violentas com o Führer, Roehm parece ter renunciado aos seus velhos sonhos de golpes de força. Mesmo nas horas mais críticas, por exemplo, em abril de 1932, quando o general Groener ordenara a dissolução imediata das SA, tinha-se submetido às exigências, rudes para ele, da estratégia hitleriana: permanecer a todo o custo na legalidade, caminhar legalmente para o poder, de eleição em eleição, pelo esforço sempre crescente da propaganda e da intimidação. Mas se se deixou assim frustrar pela «primeira» revolução, Roehm jura a si próprio que a «segunda» não lhe escapará. Roehm, anticomunista fanático, é também profundamente antirreacionário. Está decidido a «arrancar a pele» à reação.

Durante os meses que se seguem ao 30 de janeiro de 1933, os efetivos das SA não cessam de se reforçar. Num ano passam de 400.000 para três milhões de homens!

E Roehm, que sempre ficou fora de todas as combinações ministeriais, torna-se cada vez mais ameaçador. Num artigo de junho de 1933, ele escreveu:

«As SA e as SS, que têm a grande responsabilidade de terem posto em marcha a revolução alemã, não permitirão que esta seja traída a meio caminho (...). Se os burgueses julgam que a revolução nacional durou tempo de mais, nós continuaremos o nosso combate, com ou sem eles! Chegou a altura de a revolução nacional chegar ao fim e tornar-se uma revolução nacional-socialista!»

Hitler estava cada vez menos disposto a ouvir tal linguagem. O seu acesso ao Poder, a 30 de janeiro, pusera definitivamente termo à fase revolucionária do nazismo. Ele já não é agora um chefe de partido, ele é o Estado. Tarefas positivas reclamam-no, especialmente em política estrangeira.

Roehm ameaça

Aquilo de que a Alemanha precisa antes de tudo, no interior, é ordem, imposta, se necessário: eis o que o Führer quer dizer aos agitadores eventuais, no discurso que pronunciou diante dos governadores do Reich e dos grandes chefes das SA convocados para a Chancelaria a 6 de julho de 1933. Declara, nomeadamente:

«A revolução não poderia ser permanente. É chegada agora a altura de canalizar a torrente da revolução para o leito mais calmo da evolução... Não devemos pois afastar um homem de negócios, se for um bom homem de negócios, mesmo que não seja ainda nacional-socialista. E sobretudo se o nacional-socialista, que devia tomar o lugar dele, não perceber nada de negócios! Nesse domínio o único critério é a competência.»

Ao Führer, que muitos militantes das SA consideram já como moralmente prisioneiro dos industriais, dos banqueiros e dos reacionários do Exército, Roehm replica, a 6 de agosto de 1933, perante 80.000 elementos das SA reunidos em Tempelhof, nos arredores de Berlim, com esta ameaça:

«Aquele que imagina que a tarefa das secções de assalto terminou, deve pensar que nós estamos aqui e que continuaremos aqui, suceda o que suceder.»

Desde o verão de 1933, as posições são ainda mais inconciliáveis. Abre-se uma crise no seio do NSDAP. As SS incitam à rutura.

Vai iniciar-se uma luta fratricida entre Hitler e Roehm, entre o homem de Estado e o chefe de bando fiel ao espírito revolucionário do partido, no seu início. De momento, Hitler não toma muito a sério a agitação crescente das SA, cuja força ele subestima. E, para acalmar Roehm, o Führer decide, a 1 de outubro, oferecer-lhe um lugar ministerial. Roehm aceita, mas tem o cuidado de fazer notar as distâncias:

«Continuarei a residir em Munique. Nada será alterado no meu estado-maior. As SA continuarão a chamar-me chefe de estado-maior.»

Longe de acalmar este conflito, a entrada de Roehm no gabinete vai agravá-lo consideravelmente. É verdade que Goering nada faz, muito pelo contrário, para aproximar Hitler de Roehm.

Desordens e sevícias das SA

Goering está muito mais inquieto do que Hitler com o crescimento da força das SA. Os seus comandos controlam cidades e campos. O verdadeiro poder encontra-se nas mãos deles. Parece ter chegado a hora, entre eles, da corrida às honrarias e aos lucros. De todos os lados ocorrem novos adeptos. São muitas vezes antigos socialistas e até mesmo comunistas que, entrando na organização, procuram fazer esquecer as opiniões passadas e abrir caminho para o futuro. Roehm ousara dizer, publicamente, provocando como era

Hermann Goering, em 1923, primeiro chefe das SA (BDIC)

seu costume, que: «Afirmo que entre os comunistas, sobretudo entre os membros dos "antigos combatentes vermelhos", há muitos soldados excelentes.»

Falando de certas secções de assalto, Goering observa, com boas razões: «Merecem o nome de *Beefsteak-Sturme!* Castanhas por fora e vermelhas por dentro!»

Em toda a Prússia, sem prestar atenção à Polícia de Goering, as SA de Roehm fazem «limpeza». Bandos de camisas-castanhas percorrem as ruas das cidades e das aldeias prendendo, maltratando e por vezes matando quem muito bem lhes parece, enquanto a Polícia tinha de se contentar em assistir, impotente, a essas cenas. Trata-se muitas vezes de satisfazer uma vingança pessoal, de deitar a mão a um apartamento, de apanhar um emprego. Não têm todos os direitos, essas SA que foram «os artífices da vitória nazi?»

Em breve deixam de se contentar com partir dentes ou vidros. Raptar um homem e abatê-lo numa cave tornou-se prática corrente para eles.

Roehm não deixa de fazer lembrar o reconhecimento que lhes é devido: «Os batalhões castanhos foram a escola do nacional-socialismo... As SA abriram a via do Poder ao chefe supremo das SA: Adolf Hitler.»

A 31 de julho de 1933, Roehm é contudo obrigado, pelo Führer e por Goering, a recomendar às SA o respeito por certas regras. Mas em que termos ele o faz!

«Esforço-me por conservar e garantir em todos os sentidos os direitos das SA como tropas da revolução nacional-socialista... Defendo igualmente com a minha responsabilidade qualquer ação efetuada pelas SA que, não estando conforme às disposições legais em curso, sirva os interesses exclusivos das SA. Neste contexto deve considerar-se que é permitido ao chefe das SA competente executar até doze membros (*sic*) de uma organização inimiga para a fazer expiar o assassínio de um das SA, perpetrado por tal organização.

Essa execução é ordenada pelo Führer, e será feita com brevidade e com um rigor marcial.

Por outro lado, tive conhecimento de certas informações, raras, na verdade, segundo as quais membros das organizações SA — não quero chamar-lhes SA, pois não o são — se tornaram culpados de excessos espantosos.

Temos de contar entre estes últimos a satisfação de vinganças pessoais, sevícias inadmissíveis, raptos, violações e pilhagens.»

Roehm indigna-se contra esses «profanadores do uniforme de honra das SA» e ameaça-os de morte imediata, como exemplo, dos chefes culpados desses excessos, ou dos que se tenham mostrado demasiado indulgentes e não tenham intervindo ao tomarem conhecimento deles.

Os horrores multiplicam-se

Apesar dos conselhos reiterados de Rudolf Diels, Hermann Goering hesita em iniciar a batalha contra as SA.

Diels recebeu numerosos relatórios confirmando a gravidade das sevícias infligidas pelas SA aos seus inimigos. Um dia, de surpresa, conseguiu até visitar as caves onde as SA encerravam os seus prisioneiros. Saiu de lá bem informado. As vítimas morriam de fome, com os membros partidos, o rosto tumefacto, o corpo muitas vezes coberto por feridas infetadas. Diels conseguiu salvar alguns deles fazendo-os sair das suas prisões em carros prisionais.

«Como grandes montes de argila», dirá ele a Goering, «como bonecos ridículos, de olhos sem vida e cabeças escaldantes, eles iam encostados uns aos outros nos bancos dos carros da Polícia. Os polícias olhavam com assombro para aqueles fugitivos do inferno.»

Falando duma outra visita a uma prisão das SA, a Fortaleza de Wuppertal, Rudolf Diels diria:

«O assombro apoderou-se de mim como se me encontrasse diante de uma aparição espectral. De pé na minha frente, os prisioneiros, cujo rosto estava coberto de ferimentos e nódoas amarelas, verdes e azuis, nada tinham de humano.»

É durante essa visita que Ernst, um dos chefes das SA de Berlim, e o seu séquito aparecem, «envergando uniformes resplandecentes e, sobre o peito e em redor do pescoço, medalhas antigas e modernas. Entraram rindo e conversando alegremente na sinistra prisão».

Ernst descobre Diels e grita:

— O que é que vem aqui fazer?

O choque entre os dois homens é particularmente violento. Pouco faltou para que Diels não se encontrasse entre os prisioneiros e na mesma situação que eles. Mas Ernst sabia que Diels era o braço-direito de Goering e hesita em se deixar levar pela cólera. Diels, liberto, corre a casa de Goering para o informar. O chefe nominal da Gestapo consente finalmente na «limpeza» das prisões das SA. Diels põe-se ao trabalho com uma bela coragem. Obtém inúmeras libertações de prisioneiros e, não sem uma certa dificuldade, faz fechar as prisões das SA de Sonnenburg, Barnim, Königs Westerhausen, Wuppertal, Kemma, etc.

Será necessário dizer que uma sólida e tenaz inimizade se estabelece então entre Roehm e Diels e também entre Roehm e Goering? Mas enquanto o conflito entre o aventureiro homossexual e o dirigente da Prússia não deixa de se agravar, o número dois do III Reich vê despontar a silhueta de um novo adversário, muito menos poderoso sem dúvida, mas igualmente perigoso: Heinrich Himmler, chefe das SS.

Himmler, o fanático

A personalidade de Himmler é difícil de perceber. Aqueles que o conheceram em vida tinham dificuldade, depois de o terem visto, em descrevê-lo. Temos tantos retratos diferentes como testemunhos:

> «Uma aplicação de estudante limitado, mas também qualquer coisa de metódico, como poderia ser um autómato.» (Karl J. Burckhardt)
> «Uma personagem de modos afáveis que as pessoas tomavam (como sucedeu com o autor da primeira vez que o viu) por um mestre-escola de aldeia.» (William L. Shirer)
> «Um bom mestre-escola. Certamente não um chefe.» (General Walter Dornberger, pai das armas *V*)
> «Frio, calculador, ávido de poder, o génio mau de Hitler, o indivíduo mais desprovido de escrúpulos do III Reich.» (General Friedrich Hossbach)
> «Nunca consegui apanhar de frente o seu olhar fugidio,

sempre a piscar por detrás dos óculos.» (Alfred Rosenberg, autor de *O Mito do Século XX*)
«Esse homem não tinha nada de diabólico. Delicado, com um certo humor, gostava de lançar de tempos a tempos uma palavra espirituosa para aliviar a tensão da atmosfera.» (Conde Folke Bernardotte)

Com efeito, no seu comportamento profundo, Himmler desmentia a cortesia superficial de que era capaz. Mostrava-se então inatingível e de uma frieza total. Aqueles que viveram junto dele afirmaram todos que se tratava de um dissimulador, hipócrita, venenoso e animado por uma vontade feroz de domínio que só desaparecia na presença de Adolf Hitler. Quando o Führer lhe dirigia uma censura, Himmler, com efeito, ficava trémulo, com um ar de cão batido, incapaz de formular a mais pequena palavra para se defender, ficando como que fulminado. De um egoísmo feroz, Himmler era de uma profunda indiferença afetiva. Capaz de produzir um trabalho imenso, num automatismo rotineiro, traía por vezes uma excitação interior pela vermelhidão que lhe chegava às faces e à testa. O seu fanatismo, aparentemente gelado, era profundo, tumultuoso, fantasmagórico e escaldante de sinceridade. Basta ler os seus discursos, ouvir as gravações que deles restam, para nos apercebermos de que esse místico de «o Mito do Sangue» acreditava em tudo aquilo que dizia e que não recuaria perante crime algum para realizar os objetivos fixados pelo seu Führer.

Uma família católica e tradicionalista

Heinrich Himmler nasceu a 7 de outubro de 1900, em Munique, no segundo andar de uma casa situada na Hildegard-Strasse. O seu pai, o professor Gebhard Himmler, tinha nessa altura trinta e cinco anos de idade, e ocupava um lugar no Liceu de Munique, tendo sido anteriormente preceptor do príncipe Heinrich da Baviera. Esse homem, muito estudioso e pedante, apreciava o prestígio social que lhe conferia o patronato da casa real da Baviera. Desse modo, pediu ao príncipe Heinrich que lhe fizesse o favor de ser padrinho do futuro chefe das SS, o seu segundo filho

(o mais velho, Gebhard, nascera em 1893, e o mais novo Ernst, nasceria em 1905). O príncipe aceitou.

Os três filhos de Himmler foram educados segundo os métodos da época, numa família católica que não brincava com a moral, com a obediência e as conveniências, no amor e no respeito da pátria alemã. Filho dócil, afetuoso e respeitador, Heinrich manteria com os membros da sua família excelentes relações até ao fim da vida.

Fez sólidos estudos e destinava-se à carreira de oficial. No entanto, a saúde, vacilante, apoquentava-o. Levantava pesos e halteres para se tornar musculoso, mas em vão. Estudou conscienciosamente piano, mas não tinha qualquer talento. Aprendeu também estenografia.

A Primeira Guerra Mundial — ele tinha então catorze anos — não interrompeu os seus estudos e ele teve de esperar por 1917 para se alistar. Fez a recruta, seguiu um curso de oficiais e um curso de canhoneiro, mas foi desmobilizado antes de ir para a Frente.

Decidiu então voltar-se para a agronomia, trabalhando, na primavera ao outono de 1919, numa quinta-escola da Baviera, apesar de uma paratifoide que o fez emagrecer consideravelmente. A 18 de outubro de 1919 inscreveu-se na Universidade de Munique e, em 1922, obteve o diploma de Engenheiro Agrónomo. Não tinha ainda completado vinte e dois anos.

Queremos destruir aqui, rapidamente, uma lenda tenaz muito espalhada por pretensos historiadores franceses e anglo-saxónicos, que parecem ignorar que o primeiro dever do historiador é verificar as suas fontes de informação. Acumulando pormenores superficiais e sórdidos, mas sem apresentarem a mais pequena prova do que afirmam, esses pretensos historiadores dizem que Himmler, na primavera de 1919, estava em Berlim, onde exercia a «profissão» de... chulo, e que era suspeito de ter assassinado uma prostituta!

Esta aventura escandalosa não passa de uma fábula (inventada por um alemão antinazi antes da Segunda Guerra Mundial). Qualquer historiador pode certificar-se disso, dando-se ao trabalho de consultar, como eu pude fazer, tanto as páginas do *Diário* de Himmler, cujo manuscrito se encontra na Biblioteca Hoover, na Califórnia, assim como os papéis pessoais de Himmler cuja leitura pode fazer-se nos arquivos da Alemanha Federal, em Coblença. As residências (na Baviera), as atividades (agrícolas e universitárias), e as convicções (cristãs) do jovem

Himmler notam-se aí com a mais incontestada certeza, sem a menor falha que possa dar lugar a um proxenetismo berlinense, com a idade de dezoito anos! E uma página inteira do *Diário* de Himmler, com data de 1925 (seis anos mais tarde), traduz o seu encantamento com a descoberta de Berlim, verdadeira capital com grandes avenidas, tão diferente da provinciana Munique, única cidade grande que ele conhecera até então. Himmler é neste momento da nossa história *Gauleiter*, adjunto de Goebbels, e importante personagem do Partido Nazi. O seu destino irá revelar-se bastante negro, mesmo para ele próprio, sem que seja preciso acrescentar-lhe seja o que for.

Um militante casto e corajoso

Com o diploma de Engenheiro Agrónomo no bolso, Himmler procurou arranjar um lugar no estrangeiro; começou até a aprender o russo, depois o turco, mas acabou por desistir. Duvidava terrivelmente de si próprio: «Falta-me completamente o à-vontade que tanto gostava de adquirir e que é apanágio dos seres superiores», escreveu ele no seu *Diário*. Censurava a si mesmo falar de mais e não ter o «autodomínio que convém a um cavalheiro». Praticava intensamente a sua religião, ia regularmente à missa e comungava frequentemente. Depois, a pouco e pouco, a sua fé foi abalada. Escreveu no seu *Diário*: «Creio que entrei em conflito com a minha religião, mas, suceda o que suceder, amarei sempre Deus e permanecerei fiel à Igreja Católica, que continuarei a defender, mesmo que um dia venha a repelir-me...».

As questões sexuais preocupavam-no cada vez mais, sem dúvida devido ao seu respeito pela virtude cristã da castidade. Parece que ficou virgem até aos vinte e sete anos de idade. Otto Strasser contou que Himmler entrara no seu escritório, pouco antes de se casar, em 1928, para lhe confessar solenemente que havia perdido a sua virgindade.

Desde novembro de 1919, Himmler aderira a diferentes movimentos políticos de direita. A 26 de janeiro de 1922, aquando de uma reunião no *Albergerkeller*, em Munique, Himmler encontrou o capitão Roehm. Ficou muito impressionado e entusiasmado com o encontro e aderiu imediatamente ao movimento nacionalista que o capitão dirigia, conhe-

cido pelo nome de *Reichskriegsflagge* («Bandeira de Guerra do Reich»). Em agosto de 1923, sempre sob a mesma influência, aderiu ao NSDAP, mas o homem que Himmler admirava não era Hitler; o futuro, para ele, continuava a ser Roehm. Provou essa admiração por ocasião do *putsch*, em Munique, a 8 e 9 de novembro de 1923. O seu chefe tinha-lhe confiado o emblema da *Reichskriegsflagge*, e Himmler agarrou-se com firmeza ao mastro da bandeira, enfrentando as metralhadoras das forças da Polícia que rodeavam os edifícios do Ministério da Guerra bávaro, de que Roehm e os seus homens se tinham apoderado. E permaneceu ao lado do seu chefe até ao fim, isto é, até à rendição honrosa.

Himmler não foi perseguido. Entretanto, como jovem engenheiro agrónomo, especializara-se no estudo da química, de fertilizantes e da criação de novas variedades de plantas e de cereais, na qualidade de assistente de laboratório numa firma de Schleissheim (vinte e cinco quilómetros a norte de Munique). Após o *putsch*, Himmler perdeu o seu emprego. Com grande descontentamento da sua família, recusou-se a procurar emprego, desejando, explicou ele, «ficar liberto de qualquer obrigação para se empenhar na política».

O NSDAP estava ilegalizado nessa altura, e Himmler aderiu por isso ao Movimento Nacional-Socialista para a Liberdade («Nationalsozialistische Freiheitsbewegung»), colocado sob o patrocínio do general Ludendorff e dirigido por Gregor Strasser. Este último concedeu a sua confiança a Himmler, que se tornou, em título, seu secretário, mas que, de facto, preencheu as funções de diretor-adjunto. Otto Strasser escreveu que o seu irmão Gregor acolhera Himmler muito favoravelmente, pois esse jovem «era um auxiliar duplamente precioso: tem uma motocicleta e sofre de ter sido frustrado nas suas ambições militares...».

Inácio de Loiola do nazismo

Em 1925, Himmler encontraria Goebbels em Landshut. Trabalharam juntos para Otto Strasser. Mas Goebbels, que tinha então vinte e oito anos, vaidoso e devorado pela ambição, considerou Himmler apenas como organizador das conferências de que ele, Goebbels, era a vedeta. E

foi nesse ano que Himmler, com o número de inscrição 168, entrou nas SS que Hitler acabava de criar.

Quando é que Himmler viu pela primeira vez Hitler? Escreveu-se que Himmler tinha encontrado o Führer quando este saíra da prisão em 1925, a 12 de março, recebendo-o no seu apartamento de duas divisões no número 41 de Tiersch-Strasse, em Munique. Nenhum documento menciona tal entrevista nessa data. Seja como for, a verdade é que, a partir de 1925, Himmler dedicou a Hitler uma submissão e uma fidelidade exemplares. «Henrique, o Fiel» (*der treue Heinrich*), como lhe chamava Hitler, foi não só o confidente dos planos mais secretos de Hitler, mas também o seu executor. Hitler diria dele: «Foi com Himmler que as SS se tornaram essa tropa extraordinária, dedicada a uma ideia, fiel até à morte. Vejo em Himmler o nosso Inácio de Loiola. Com inteligência e obstinação, contra ventos e marés, foi ele quem forjou esse instrumento.» Todavia, Himmler nunca fez parte do círculo dos íntimos de Hitler, pelo menos no sentido que o entendiam Hess, Goering e Goebbels, que acompanhavam Führer como companheiros privados e partilhavam muitas vezes as refeições com ele.

O Dr. François Bayle, que estudou demoradamente a personalidade de Heinrich Himmler, escreveu a respeito das relações entre o Führer e o futuro chefe das SS:

«Um dos primeiros a sofrer o poder magnético de Hitler, Himmler passou a dedicar-lhe desde logo uma fidelidade que nunca se desmentiu. Desde Munique que esse par estabeleceu relações pessoais fortes: um animado pelo outro, mas completando-se e ajudando-se mutuamente. Hitler era a centelha e Himmler o braço secular (...). Muito mais do que outros funcionários nazis, Himmler identificou-se em absoluto com o seu mestre, ao qual inspirou uma confiança total; foi ele o único a reunir nas suas mãos tantos poderes sem nunca ter entrado em conflito com Hitler (...). Aceitava tudo quanto partia dele sem discussão, compreendia-o por meias-palavras e realizava as temíveis e obscuras tarefas sem nunca ter tido a ideia de dominar. No meio dos maiores conflitos que opuseram as SS a outros grandes corpos constituídos, como, por exemplo, a Wehrmacht, Himmler acabou sempre por triunfar.

Recebera desde o início o ascendente soberano de Hitler sobre a sua alma tortuosa e ávida de manejar secretamente os homens. Compreendera as necessidades do seu chefe no domínio do executivo, da Polícia,

da segurança interna, todas elas atividades vitais para um Estado nazi totalitarista.»

Himmler subiu então rapidamente na hierarquia do NSDAP: foi *Gauleiter* na Baixa Baviera, em 1925; *Gauleiter* na Baviera e no país suavo em 1926; diretor dos Serviços de Propaganda, ainda em 1926.

Por causa das necessidades do partido, Himmler tinha de ir bastantes vezes a Berlim. Durante uma dessas estadas, Himmler conheceu uma médica de origem prussiana, Margarete Boden, filha de um proprietário de terras de Goncerzewo, na Prússia Ocidental. Loura, de olhos azuis, valquíria protestante, divorciada e sete anos mais velha do que Himmler, «Marga», como lhe chamavam, dirigia uma pequena clínica em Berlim. Tinha, em matéria de medicina, ideias pouco ortodoxas que seduziram Himmler e o incitaram a voltar a discutir os assuntos que lhe interessavam nos seus tempos de estudante. Ela interessava-se pelos tratamentos homeopáticos e pelas curas por intermédio das plantas. As conversas deles fizeram despertar em Himmler o desejo de viver ao ar livre. Apesar da diferença de idades, entendiam-se bem. Tinham ambos o gosto pela economia e a vida frugal e aspiravam às alegrias do casamento. Estavam também convencidos de que os seus interesses comuns pela medicina e pelas plantas os poderiam levar ao amor. Marga vendeu a sua clínica e decidiu empregar esse dinheiro na compra de uma propriedade rural. Casaram-se em junho de 1928.

Encontrei, nos dossiês de Himmler, uma carta simultaneamente reservada e entusiasta, que ela lhe escreveu oito dias antes do casamento. Falava aí na casinha e no terreno que tinham comprado em Waltrudering, a uns quinze quilómetros de Munique. A pequena exploração ficou praticamente nas mãos de Marga. Criavam cerca de meia centena de animais de capoeira e vendiam os seus produtos no mercado. Esses lucros juntavam-se ao salário de Himmler, que ganhava então duzentos marcos por mês. No ano seguinte, Marga tinha uma filha, Gudrun.

Criar uma ordem «SS»

A 6 de janeiro de 1929, Hitler designou Heinrich Himmler como *Reichsführer* das SS. O seu posto era em Munique. Em Berlim, centro da

ação radical conduzida pelos irmãos Srasser e Goebbels, foi a Kurt Daluege que Hitler deu o comando das SS, conferindo-lhe poderes que lhe permitem ter uma ação independente da de Himmler. A atividade de Himmler, com essa autoridade limitada, pode parecer modesta. Na realidade, Hitler confiou-lhe o cuidado de criar uma unidade de homens cuidadosamente escolhidos, de uma fidelidade a toda a prova, de um valor humano muito superior ao dos soldados da velha guarda das SA, e fazer deles essa «Ordem do Sangue» com que ele sonha. Himmler desposa o sonho do Führer, fazendo dele o objetivo supremo da sua existência.

Desde o mês de abril de 1929, Himmler submete a Hitler e a Franz Pfefer von Salomon (comandante-chefe das SA, à qual Himmler se encontrava ainda teoricamente subordinado) um projeto tendente a criar verdadeiramente uma ordem SS.

Esse projeto era largamente inspirado pelos discursos de Hitler e as teorias de Walther Darré na sua obra *O Sangue e o Sol* (*Um Blut und Boden*), que vai ser publicada em Munique, sob os auspícios do NSDAP e cujo manuscrito Himmler lera. A propósito escreveu:

«É preciso impulsionar o nacional-socialismo e levá-lo às suas últimas consequências. Quando Führer ordena que se desenvolva essa parte do NSDAP que são as SS, uma coisa é bem clara: não podemos realizar a verdadeira missão que nos é confiada de construirmos uma ordem senão impregnando-nos das diretivas dadas ao NSDAP e levando-as às suas últimas consequências (...). Constituídos, segundo regras imutáveis, numa ordem nacional-socialista de homens puramente nórdicos, numa comunidade fraternal, ligados pelo sangue puro, as SS marcharão para um futuro distante, guiadas por Adolf Hitler, desejando, querendo, e acreditando não serem apenas os descendentes mais bem armados para combater, mas, além disso, os antepassados para as gerações futuras, necessários à vida eterna do povo alemão e germânico.»

De 1929 a 1931, o pequeno grupo SS cresceu muito lentamente. Dada a dureza dos critérios de seleção, não poderia ser de outra maneira. Duas categorias de recrutas solicitam «a honra de pertencer a essa ordem de elite»: os veteranos dos corpos francos, que são muitas vezes aristocratas, como Friedrich Karl Freihert von Eberstein, Udo von Woyrsch, e o célebre Erich von dem Bach-Zelewski; vítimas da nova crise económica alemã, como o antigo *Oberleutnant* do corpo franco, Friedrich Wilhelm Kruger, que se tornou comerciante, e o antigo tenente Karl Wolff, que era

agora anunciante... A 29 de janeiro de 1930, Himmler podia dizer: «As SS crescem; no fim deste trimestre seremos 2000.»

A posição de Himmler é reforçada pela decisão de Hitler, tomada a 2 de setembro de 1930, de assumir ele próprio o comando das SS e das SA. Em teoria, as SS continuam sob o comando do chefe do estado-maior das SA, Franz Pfeffer von Salomon, mas na prática tornam-se autónomas. Hitler fez saber que «nenhum oficial das SA pode dar ordens às 55».

Revolta «SA» em Berlim

No dia seguinte ao dia em que Hitler assumiu o comando das SA e das SS, o comissário-chefe do estado-maior das SA, Wagener, informa todos os representantes do comando-chefe das SA que, daí em diante, terão de «prestar um juramento de lealdade a Adolf Hitler, chefe supremo das SA do partido».

Roehm, que regressara da Bolívia, onde estivera exilado, e que se tornara chefe do estado-maior das SA, joga agora a fundo a cartada de Hitler. Mas manifesta-se uma oposição, chefiada por Stennes e Paul Schluz (companheiro de Gregor Strasser) em Berlim. A 2 de abril de 1931, dá-se a revolta aberta das SA de Berlim a favor de Stennes contra Hitler. O movimento de oposição cresce e estende-se a todo o Norte e Leste da Alemanha. Kurt Daluege, em Berlim, tenta, com as suas SS, dominar a revolta, mas teve de se inclinar perante o número. Todavia, por falta de dinheiro e de organização, o movimento de Stennes malogra-se. Hitler encarrega Goering de depurar as SA dos partidários de Stennes e elogia publicamente as SS. Envia esta mensagem a Kurt Daluege: «SS, a tua honra é a tua fidelidade.» Esta frase figurará mais tarde na fivela do cinturão das SS e tornar-se-á a divisa da corporação negra: «A minha honra é a minha fidelidade.»

Cada vez mais, do pântano castanho das SA, se desprende um odor a crime, a chantagem, a erotismo homossexual, enquanto — mesmo fora do Partido Nazi — se começa a considerar as SS como um exército de puritanos encarregue de ajustar contas com o grupo dos chefes das SA, «indignos da revolução nacional-socialista do Führer Adolf Hitler».

Chega o ano de 1933 e a tomada do Poder, que dececiona grave-

mente Heinrich Himmler. O Führer não ofereceu ao chefe das SS a posição-chave que ele ambicionava. Pior ainda: as SA são encarregues de assegurar a ordem nas ruas, de perseguir os não nazis, e os colaboradores diretos de Hitler apoderam-se rapidamente de todas as rédeas do Estado. Himmler e as SS não contam aparentemente para nada nas estruturas do novo regime.

Foi então que a chegada de um homem novo modifica completamente a posição de Himmler e das suas SS. Esse homem é jovem, tem apenas vinte e nove anos, e é totalmente desconhecido do público e até da maioria dos chefes nazis. Chama-se Reinhard Heydrich e ocupava há pouco tempo o lugar de adjunto do *Reichsführer* das SS Heinrich Himmler.

O primeiro encontro de Himmler e Heydrich

Os dois homens encontram-se pela primeira vez a 14 de junho de 1931.

Himmler recebeu na sua quinta de Waltrudering, perto de Munique, aquele estranho rapaz louro, de vinte e sete anos, muito alto, muito magro, de olhar azul, nariz adunco, boca grande de lábios grossos mas cruéis, que lhe foi enviado pelo seu amigo e colaborador das SS, o barão Von Eberstein.

Sofrendo então de ligeiras dores de estômago, Himmler retardara a ida a Waltrudering do protegido de Eberstein. Dava como pretexto o seu estado de saúde, mas, na realidade, tinha um complexo de inferioridade em relação àquele oficial de carreira que ele julgava pertencer ao Serviço de Informações da Marinha (suposição inexata, pois Heydrich vinha do Serviço de Transmissões). Acabando por ceder às instâncias do barão, recebe finalmente Heydrich.

Complexado pela estatura do seu interlocutor, Himmler decidiu pô-lo à prova: «Preciso de criar um serviço de segurança e de informações dentro das SS», disse-lhe. «Preciso de um especialista. Se se julga capaz de ocupar esse lugar de direção, explique-me no papel como tenciona desempenhá-lo. Tem vinte minutos.»

Heydrich ficou surpreendido. Tinha esperado perguntas desse género, mas os seus conhecimentos diretos eram limitados. Todavia, ultrapassavam em muito os de Himmler. Em vinte minutos Heydrich esbo-

çou um quadro daquilo que poderia ser um serviço de informações no seio do NSDAP, sob a direção das SS. Himmler ficou vivamente impressionado com o que ouviu. Heydrich era o homem de que ele necessitava, tanto mais que, fisicamente, ele representava o tipo quase perfeito da raça nórdica, tão caro a Himmler, já que ele próprio estava longe de ser um modelo desse tipo! A decisão do *Reichsführer* foi imediata. Heydrich ficava encarregue de criar o novo organismo. Assim nasceu o temível Serviço de Segurança das SS (o *Sicherheitsdienst*, por abreviatura SD), e Heydrich subiu o primeiro degrau que iria conduzi-lo a um poderio inimaginável, ao ponto de surgir, em 1941, como o «delfim de Adolf Hitler»!

Esse primeiro contacto, aparentemente insignificante, ia igualmente ter atrozes consequências para a História da Europa, no decorrer dos onze anos seguintes. Numa hora, o par dirigente das SS estava constituído, o par demoníaco havia-se unido para o pior, o «Grande inquisidor» sucumbira à sedução do «Arcanjo do Mal».

Um ser extraordinariamente bem dotado

Reinhard Tristan Eugen Heydrich nasceu a 7 de março de 1904, no nº 20 da Gutchenstrasse, em Halle, Saxe; era filho de Bruno, diretor do Conservatório de Música e compositor de óperas, e de Elizabeth Anna Amalie Krantz, filha de um professor de Dresden. Como sucedia com Adolf Hitler, as origens raciais de Reinhard eram muito duvidosas. Parece que a mãe de Elizabeth, cujo nome de solteira era Krantz, se chamava Sarah e era judia.

Reinhard Heydrich fez estudos brilhantes. Não só era grande violinista — quase um prodígio musical —, como possuía faculdades intelectuais muito acima da média. Não se mostrou menos dotado para as atividades desportivas: ténis, natação, vela. Desde a idade de onze anos, mostrou aptidões excecionais para a esgrima. Alguns anos mais tarde era um dos esgrimistas mais temíveis da Alemanha.

A guerra intestina que destroçou o seu país, após a derrota de 1918, perturbou Heydrich, criado pelos pais e pelos professores num espírito ferozmente nacionalista. Com dezasseis anos, Reinhard Heydrich ins-

creveu-se no corpo franco Maercker como «emissário portador de ordens». Depois foi voluntário no corpo franco de Halle. Contudo, as suas atividades intelectuais e desportivas não sofreram com isso.

Aos dezassete anos, obteve o seu *Abitur* (equivalente ao bacharelato), o que, levando em conta os hábitos alemães, era quase uma façanha. E, na primavera de 1922, saiu de Halle e dirigiu-se para Kiel, sendo admitido como aspirante da Marinha. Graças às suas excecionais faculdades, às suas aptidões para as matemáticas, a parte técnica dos seus estudos não lhe causou qualquer dificuldade. Além disso, a vida ao ar livre dos cadetes da Marinha convinha-lhe manifestamente.

Sob as ordens de Canaris

Pouco tempo depois da sua chegada a Kiel, Heydrich embarcou no velho cruzador *Berlim*, que servia de navio-escola para os aspirantes a oficiais. Em breve, atraiu as atenções do imediato, um capitão-de-fragata chamado Wilhelm Canaris, futuro chefe dos Serviços de Informação do Exército Alemão (Abwehr), uma das personagens mais extraordinárias e mais misteriosas da História. Partilhando o amor da mulher de Canaris, Erika, pelos quartetos de cordas de Haydn e de Mozart, o violinista Heydrich em breve se tornou um conviva habitual em casa do seu segundo-comandante. Este era, de resto, aos olhos do jovem oficial, um ser lendário: as narrativas do almirante Canaris sobre a sua atividade passada ao serviço da espionagem alemã despertavam no seu jovem auditor um interesse apaixonado.

Heydrich permaneceu dois anos sob as ordens de Canaris (1922-1924), ou seja, até ao momento em que o último foi enviado para Berlim, para o estado-maior naval do Ministério da Defesa Nacional.

Em 1924, aos vinte anos, Heydrich foi nomeado oficial aspirante de segunda classe. Passou com êxito em mais três exames: o de inglês, o de francês e o de russo. Como a maioria dos seus camaradas, Heydrich interessava-se muito pelas raparigas bonitas e o seu tipo nórdico quase perfeito valia-lhe grandes êxitos femininos. Em julho de 1928, com vinte e quatro anos, embarcou como oficial de transmissões e foi promovido a

tenente. Em 1930, tornou-se membro do estado-maior do almirante-comandante em Kiel, na qualidade de oficial de transmissões ao serviço das informações (*Nachrichtenmitteloffizier*) e não oficial de informações, como muitas vezes se diz, porque Himmler assim o pensava.

Expulso da Marinha

Foi então que a carreira naval de Heydrich foi bruscamente interrompida. Em abril de 1931, foi expulso da Marinha por «causa de indignidade». Com efeito, a filha de um diretor das construções navais da I. G. Farben em Kiel — amiga íntima do futuro grande almirante Raeder — declarou-se grávida de Heydrich e este recusou-se a admitir a sua responsabilidade. Encontrava-se então noivo de uma beldade loura de dezanove anos, Lina Mathilde von Osten, com a qual esperava casar. Chamado a comparecer perante um tribunal de honra, foi demitido.

Sem trabalho e repelido por Lina, fanática nazi, foi recomendado a Himmler e o encontro entre os dois, como já vimos, deu-se a 14 de junho de 1931. Tinham-se passado dois meses desde que ele deixara a Marinha e fizera a viagem de Kiel a Munique, depois de ter entrado em contacto com Eberstein, e esperara em Munique a convocação de Himmler: o que quer dizer que não teve tempo de vegetar nos portos nórdicos, entre uma fauna suspeita, como afirmam pretensos historiadores que vimos também proceder do mesmo modo em relação a Himmler. A partir de julho, Heydrich entrou oficialmente nas SS. Ia subir todos os degraus da hierarquia a uma velocidade vertiginosa: a 21 de março de 1933, com vinte e nove anos, ele seria *Oberführer* (general-de-brigada); quando morreu, em 1942, ele tinha o posto de *Obergruppenführer* (general de Exército).

O eixo escondido

Heydrich foi, antes de tudo, um supertecnocrata que tinha apenas um deus: o Poder, e procurava-o por si mesmo. Nesse aspeto, contrastava em absoluto com o ideólogo Himmler. A conversa pseudopsicológica

do seu chefe irritava-o prodigiosamente. A filosofia nacional-socialista, *O Mito do Século XX*, as teorias de Darré, a de Gunther, a linguagem místico-mágica de um Rudolf Hess ou de um Karl Haushofer faziam-lhe encolher os ombros. Gostaria de torcer o pescoço a esses «mágicos» ou enviá-los para um campo de concentração. Nem sequer Hitler escapava às suas observações. Ele garantia aos seus íntimos — que eram raros — que em *Mein Kampf* havia apenas um emaranhado de ideias falsas.

Himmler e Heydrich eram uma perfeita antítese e é difícil discernir a natureza das relações que se estabeleceram entre os dois chefes das SS. No entanto, num ponto, não existe a mínima dúvida: na associação entre os dois, se Heydrich se encontrava oficialmente em segundo plano, era no entanto ele que desempenhava o papel principal. Analisando com exatidão as fraquezas do *Reichsführer* das SS e sabendo que podia jogar com a sua vaidade e o seu complexo de inferioridade, Heydrich conduzia-o «com doçura» nas suas ideias e nas suas decisões, por vezes do modo mais subtil.

O adjunto de Heydrich, Walter Schellenberg, chefe do SD-Ausland[5], não se enganou a esse respeito. Escreveria:

«Saí do gabinete de Heydrich vivamente impressionado pela força da sua personalidade, desenvolvida a um tal ponto que eu nunca voltei a ver depois (...). Esse homem constituía o eixo oculto à volta do qual girava o regime nazi. A evolução de toda uma nação era indiretamente guiada por esse poderoso caráter. Era muito superior a todos os seus colegas políticos e controlava-os, tal como dominava a vasta organização de informações do SD.»

Em poucos anos, Heydrich conseguiu ser o homem mais temível do III Reich, enquanto Himmler era apenas o mais temido.

As ambições de Heydrich não tinham limites. Desenvolveu o seu serviço de segurança e de informações até conseguir fazer dele uma força de implicações dificilmente imagináveis. Nada nem ninguém lhe resistia. No entanto, não conseguiu abater o almirante Wilhelm Canaris, o célebre almirante, seu antigo chefe, tornado o diretor do Abwehr (Serviço de Informações do Exército alemão, independente do partido das SS), apesar da luta secreta, camuflada e feroz que os opôs desde 1935 a 1942.

Desde 1931, Heydrich estava convencido de que, cedo ou tarde, Hi-

[5] Serviço de informações das SS no estrangeiro. O SD-Inland era o do interior.

tler tomaria o Poder. Criou portanto deliberadamente — quase às escondidas de Himmler —, no interior das SS, uma organização que lhe permitia duplicar e, se necessário, substituir, todo o aparelho do futuro Governo, preparando-se assim os poderes de um estado dentro do Estado. Deixou a outros, na organização, os debates ideológicos, as pesquisas rituais para servirem «O Mito do Sangue» e mesmo a criação de unidades militares (Waffen SS). Político antes de tudo, Heydrich achava que as SS deviam estar preparadas, a todo o instante, para assumirem na realidade o Poder. Infelizmente, os efetivos das SS eram ainda débeis e sobretudo o valor intelectual do SS médio era bastante fraco.

Heydrich recrutou portanto para o seu SD um grande número de jovens intelectualmente bem dotados e de bom nível social, capazes de cumprirem as suas ordens com energia, audácia e eficácia. Foi assim que levou para junto dele jovens juristas e filósofos como Walter Schellenberg, Hermann Behrends, o Dr. Franz Six e o Dr. Helmut Knochen; brilhantes economistas como Otto Ohlendorf e Herbert Mehlhorn; engenheiros como o Dr. Wilhelm Albert e o Dr. Otto Skorzeny; jornalistas de talento como Gunther d'Alquen, etc. Em breve o SD passou a ser o lugar de confluência da jovem elite nacional-socialista. Esse afluxo de intelectuais agradava a Heydrich: o utensílio ia-se forjando nas suas mãos e os tentáculos do polvo negro penetravam progressivamente em todos os meios da sociedade alemã.

Himmler definira assim o seu papel:

«O SD desmascara os adversários das ideias nacionais-socialistas e orienta assim a ação da Polícia, pois o lado executivo é reservado exclusiva e rigorosamente à Polícia. Pouco inclinados a verem-se confinados ao papel de adjuntos da Gestapo, os chefes da organização têm um objetivo mais elevado: o SD será uma polícia do espírito, o instrumento de medida e de controlo do pensamento.»

Sem dúvida que o SD foi isso, mas foi também outra coisa.

Sonham com Berlim

Voltemos aos inícios do III Reich, em 1933. Confinado de facto às funções de chefe da Polícia da Baviera, o *Reichsführer* das SS Himmler reina

ali, como os chefes das SA na Prússia, sobre as prisões e os campos de concentração confiados às SS, como o campo de Dachau. Mas esse reino é medíocre, provinciano, e Himmler gostaria de deixar Munique e ir para Berlim. Heydrich concentrava os seus esforços sobre o SD, que se desenvolve rapidamente. Mesmo quando é nomeado para a direção da Polícia Secreta da Baviera, continua a dirigir o SD. Himmler parece ter esquecido «Herr Himmler». Desiludidos com a possibilidade de meterem a mão sobre a Polícia prussiana, feudo de Goering, Himmler e Heydrich decidem recorrer à tática de infiltração. Subsistem Estados provinciais, vestígios dos antigos principados, cada um deles com a sua Polícia particular. Os dois chefes das SS planeiam absorver gradualmente as secções políticas dessas polícias. Conseguem-no. O instrumento que eles tencionam forjar, para dominar o Reich, vai tomando forma. Heydrich, com essa perceção que é a sua melhor arma, orienta a ação do SD contra os inimigos das SS no seio do próprio NSDAP. Os dossiês secretos que ele organiza sobre todos os chefes do partido, incluindo o próprio Hitler e Himmler, serão em breve uma das suas mais poderosas alavancas.

Heydrich é bem secundado nesse trabalho por um pequeno inspetor da Polícia bávara, austero, de grande valor profissional, um dos especialistas mais reputados da vigilância das atividades da espionagem soviética na Alemanha, Heinrich Müller, que, mais tarde, tomará a direção da Gestapo e ficará com o nome de «Müller-Stapo».

A política de centralização posta em ação por Hitler serve os interesses de Himmler e de Heydrich, que tecem a sua teia sobre toda a Alemanha, excetuando a Prússia, que continuava a ser o feudo de Goering. Mas Goering vai ajudá-los a realizar os seus desígnios.

Cada vez mais inquieto com a crescente agitação das SS e da ambição de Roehm de incorporar as SA no Exército para lhe tomar a direção, Goering decide finalmente reconsiderar a questão das suas relações com Himmler.

Diels vai e vem

Nesse momento, dá-se um golpe de teatro que mostra bem a diabólica habilidade de Heydrich. Para demonstrar a necessidade de uma coor-

denação dos serviços da Polícia sob uma só autoridade, Heydrich fala do pretenso relatório de um dos seus agentes do SD assinalando uma conspiração trotskista que se tece — sem conhecimento da Gestapo de Goering — contra o próprio Goering! E mesmo antes que este último e Hitler sejam informados da dita conspiração, Heydrich manda proceder a prisões. Himmler serve-se desse pretexto para levar o Führer a colocar todas as forças policiais da Alemanha nas mãos das SS. Ao mesmo tempo, demonstra a Goering que o SD lhe salvou a vida, enquanto a Gestapo ignorava tudo. Acrescenta, suprema habilidade de Heydrich, que o SD tem provas de intrigas de Diels com Roehm, que, evidentemente, era falso.

Irá Goering expulsar Diels? Não. Em fins de setembro de 1933, ele contenta-se em o fazer retroceder, nomeando-o subdiretor da Polícia de Berlim. Mas Diels não é nenhum menino do coro e aprecia a vida. Acha mais sensato sair da Alemanha e refugiar-se na Boémia. Para o substituir na Gestapo, Goering nomeia Paul Hinkler, velho combatente nazi, respeitado no partido, grande amigo de Wilhelm Kube, antigo presidente do grupo nacional-socialista no Landtag da Prússia. Mas esse Paul Hinkler é também um bebedor inveterado. Não foi ele outrora a tribunal por ter sido cúmplice num caso de assassínio e ilibado devido a irresponsabilidade fundada na embriaguez?

No seu novo lugar, Hinkler multiplica rapidamente os erros e os disparates. Não chega a estar trinta dias nas suas funções. Deve dizer-se que Diels, da sua floresta da Boémia, ameaça fazer revelações penosas, e que Goering, cedendo à chantagem, reintegra Diels no seu lugar na Gestapo. O prestígio de Goering e a sua «imagem de qualidade» encontram-se um pouco abalados quando se dá um incidente tragicómico.

Demitido, Hinkler receia ser detido pelos homens de Diels e passa a sua última noite na Prinz-Albrecht-Strasse, na sede da Gestapo. Ingenuidade? Embriaguez? Não se sabe. Quando os polícias de Diels se preparam para o expulsar do local, Hinkler assusta-se e, em camisa de noite, foge pela janela, para o jardim. Dirige-se, a correr, para o Landtag adjacente, cujo guarda-noturno ele conhece, depois atravessa a Potsdamerplatz, e chega ao Tiergarten (o bosque de Bolonha de Berlim), onde faz um aparecimento fantasmagórico, com grande terror dos casais amorosos. Na sua angústia, aproxima-se de um desses casais e pede-lhe uma moeda para telefonar. Os apaixonados, assustados por aquele homem

em camisa de noite, desembaraçam-se dele dando-lhe generosamente duas moedas. Hinkler quer, com efeito, chamar em seu socorro o seu amigo Kube. Mas não consegue chegar à cabina telefónica. É preso por uma patrulha da Polícia, que, apesar dos seus mais veementes protestos, o conduz à esquadra mais próxima. A explicação é tempestuosa, pois não é fácil convencer o bom comissário que se encontra verdadeiramente perante o ex-chefe da Gestapo. Seguem-se uma série de telefonemas cujos ecos chegam aos ouvidos de Goering, o que salva Hinkler das represálias de Diels.

Um mês depois, a 30 de novembro de 1933, na sua qualidade de ministro-presidente da Prússia, Goering faz um decreto perfeitamente ilegal: a Gestapo é retirada das atribuições do ministro do Interior e colocada sob a direção do próprio Goering. Porquê esse decreto? Simplesmente porque Goering está diretamente comprometido no processo do incêndio do Reichstag. Não podemos concluir daqui que se possa atribuir culpas pessoais e diretas a Goering, mas que ele, obedecendo a outros motivos desconhecidos, considere «necessário» limitar a amplitude do processo, encarregando a sua Gestapo de fazer desaparecer, mais ou menos discretamente, aqueles que possam saber de mais.

Goering passa o Poder a Himmler

Contudo, Goering apercebe-se cada vez mais de que o impulso das SA põe em perigo a sua posição na Prússia e que Diels «não tem peso». Aproxima-se então de Himmler, das suas SS e do seu SD. Por seu lado, Hitler, sob a pressão de Wilhelm Frick, ministro do Interior do Reich, decide a incorporação da Prússia no Reich. Os dois movimentos conjugam-se para fazerem passar a Gestapo de Goering para o âmbito de Himmler, escolhido como chefe da Polícia Secreta do Estado, do conjunto do III Reich.

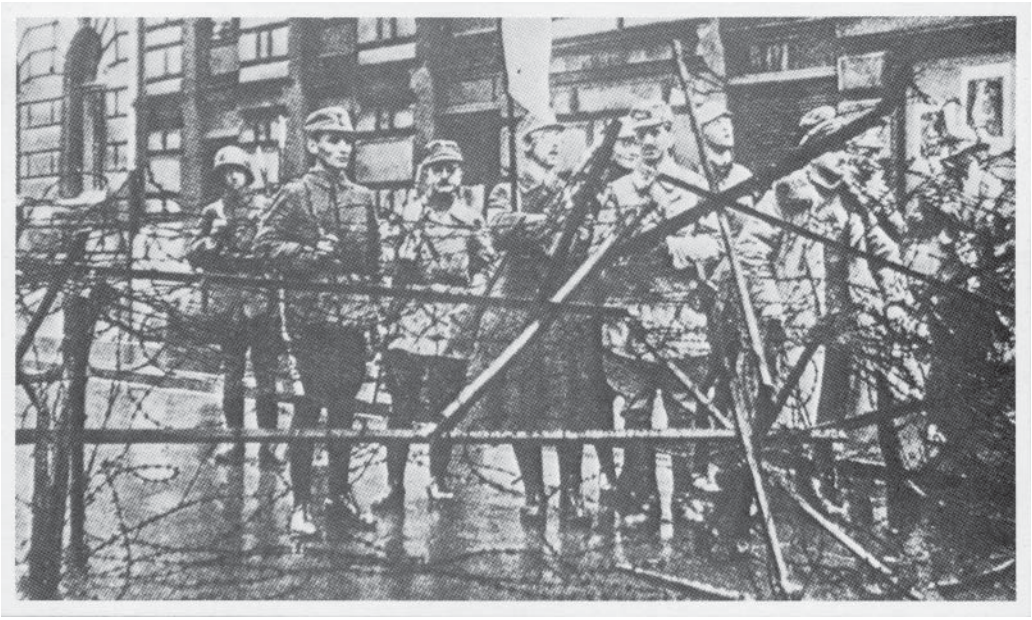
Em Nuremberga, em 1946, Goering dirá aos juízes aliados:

«Nessa época não me opus expressamente a esse princípio. Foi-me desagradável, pois queria ser eu próprio a dirigir a minha Polícia. Mas quando o Führer me pediu para aceitar, dizendo que se tratava da via correta, que era necessário que a luta contra os inimigos do Estado fosse

conduzida de uma maneira uniforme em todo o Reich, pus a Polícia nas mãos de Himmler, que colocou Heydrich à sua frente.»

De resto, Goering resolveu pôr de pé uma nova organização de Polícia pessoal, o *Landespolizeigruppe*, para garantir a sua segurança em caso de perturbações. Essa unidade encontra-se instalada perto de Berlim, em Lichterfelde.

Como ministro-presidente da Prússia, Goering permaneceu no entanto como chefe titular da Gestapo. Mas, a 10 de abril de 1934, reuniu os responsáveis da Gestapo, na presença de Himmler e de Heydrich, para lhes dar a conhecer que os serviços dependerão daí em diante de Himmler, no qual ele delega os seus poderes. E ordena-lhes que obedeçam ao novo chefe na luta que ele vai desenvolver contra os inimigos do Estado.



O putsch *nazi de Munique, na tarde de 9 de novembro de 1923. O jovem Heinrich Himmler leva o estandarte* (BDIC)

Himmler aproveita a ocasião para assegurar a sua lealdade e a sua gratidão a Goering:

— Ser-lhe-ei sempre fiel. Nunca terá nada a recear de mim.

Diels, definitivamente afastado, é nomeado para chefiar a Polícia de Colónia. Um ano mais tarde, após a liquidação de Roehm, à qual ele não

será estranho, reencontrará as SA que será encarregue de controlar com o seu chefe de estado-maior.

Chegou a altura de Himmler e Heydrich se mudarem. Deixam Munique e instalam-se em Berlim. O primeiro no quartel-general da Gestapo, no número oito da Prinz-Albrecht-Strasse. O segundo transfere o gabinete central do SD de Munique para o número cento e três da Wilhelmstrasse, sob a denominação oficial do Gabinete de Segurança do Reichsführer das SS.

A equipa provinciana Himmler-Heydrich atingiu os seus objetivos em menos de um ano. Conseguiu conquistar simultaneamente a capital, a Polícia do Reich e a Gestapo. Infinitas perspetivas se abrem aos dois chefes das SS. Mas uma massa castanha obstrui ainda o horizonte: as SA de Roehm. Vai ser necessário neutralizá-las.

ANDRÉ BRISSAUD

2

As SS à frente de todas as polícias

QUANDO, a 20 de abril de 1934, dia do quadragésimo quarto aniversário de Hitler, Heinrich Himmler se tornou chefe de todas as Polícias do III Reich, decidiu limpar o lugar. Depurando a Polícia da Prússia e especialmente a Gestapo, eliminou todos os elementos que supunha estarem ligados a Goering. E preocupou-se sobretudo em colocar os seus próprios homens: Heydrich, chefe do SD, é nomeado a 22 de abril chefe da Gestapo, conservando ao mesmo tempo a direção do SD; o Dr. Werner Best, jurista, torna-se consultor da Gestapo; Heinrich Müller torna-se chefe da Polícia Interna (*Innere Polizei*) antes de substituir Heydrich, a partir de 1939, à frente da Gestapo.

A Gestapo passa a ter daí por diante, como tarefa essencial, opor-se a qualquer discussão dos dogmas nazis, eliminar todos aqueles que forem hostis ao nazismo e que colocarem obstáculos à vontade do Führer. Este, desde o princípio, fixa assim a extensão das prerrogativas da Gestapo:

«Proíbo a todos os serviços do partido, aos seus ramos e associações filiadas, realizarem interrogatórios ou inquéritos sobre assuntos que estejam sob a alçada da Gestapo.

Todos os incidentes com caráter de Polícia política, sem prejuízo de um relatório que deverá seguir as vias do partido, devem ser levados imediatamente ao conhecimento dos serviços competentes da Gestapo, agora como anteriormente.

Insisto particularmente no facto de todas as suspeitas de conspiração e de alta traição contra o Estado que possam chegar ao conhecimento do partido deverem ser levadas imediatamente ao conhecimento da Polícia Secreta do Estado.

Não está nas atribuições do partido empreender por sua iniciativa própria pesquisas e inquéritos nessas matérias, sejam de que natureza forem.»

Expliquemos uma divisão das tarefas que tem a sua importância, a fim de penetrar no universo policial das SS: o SD, como organismo do NSDAP, dedica-se à pesquisa de informações tanto no interior da Alemanha (SD-Inland), como no exterior (SD-Ausland); a Gestapo, por sua vez, procede às prisões, às perseguições, aos interrogatórios. Heydrich, sendo chefe direto desses dois organismos, exerce com efeito o controlo geral da opinião pública. Pela hierarquia administrativa do partido, do *Gauleiter* ao *Blockleiter*[6], Heydrich dispõe, em nome do Führer, de dezenas de milhares de informadores, para não dizer de «espiões». Por altura do julgamento dos grandes criminosos de guerra em Nuremberga, o advogado general americano Thomas J. Dold, poderá declarar com razão:

«Não havia, em nenhuma célula ou bloco nazi, segredo algum que lhes fosse desconhecido. O movimento de um botão de rádio, a desaprovação traduzida num rosto, os segredos invioláveis entre o sacerdote e o confesso, a antiga confiança entre pai e filho, mesmo as sagradas confidências do casamento, eram a base do negócio deles. O seu negócio era saber. A Gestapo sabia tudo.»

Os campos de concentração das SS

Os adversários do nacional-socialismo apresentavam todo o género de rostos: comunistas, socialistas, democratas, judeus, etc. Juntavam-se a todos estes, aqueles que eram vítimas de ajustes de contas pessoais. As prisões enchem-se rapidamente. Desde o início da tomada do Poder, como vimos, as SA instalaram as suas próprias prisões e os seus campos de concentração. Perante os abusos, demasiado visíveis, Goering mandou-os encerrar. Mas o princípio do campo de concentração não foi

[6] O NSDAP estava organizado em regiões (*Gau*) — 32 para a Alemanha, depois, mais tarde, 10 para os países ocupados — círculos (*Kreis*), grupos locais (*Ortsgruppe*), células (*Zelle*) e blocos (*Block*), tendo à frente, respetivamente, um *Gauleiter*, um *Kreisleiter*, um *Ortsgruppenleiter*, um *Zellenleiter*, um *Blockleiter*.

posto em causa. Continuou a funcionar, em particular o campo de Dachau, que Himmler abriu a 22 de março de 1933, por um decreto assim concebido e publicado no *Neueste Nachrichten*:

> «O primeiro campo de concentração será inaugurado na quarta-feira, 22 de março, perto de Dachau. Poderá conter cinco mil prisioneiros. Ao tomar esta decisão, recusámos deixar-nos influenciar por considerações de ordem secundária, pois estamos convencidos de que tranquilizará todos aqueles que se interessam pelo bem da nação e servem os seus interesses.
>
> Heinrich Himmler,
> Presidente da Polícia
> da cidade de Munique.»

Himmler confiou a vigilância do seu campo de concentração de Dachau a uma formação de voluntários das SS cujos membros se comprometem a cumprir um serviço a longo prazo. Essa guarda especial, designada sob o nome de unidades *Totenkopf* («Caveira»), usavam uma insígnia representando um crânio e duas tíbias entrecruzadas. Um antigo oficial do exército regular e antigo combatente da Primeira Guerra Mundial, Theodor Heicke, tomou o comando dessas unidades, tendo como adjunto um austríaco, Adolf Eichmann, depois, a partir de 1934, Rudolf Höss, que mais tarde dirigiria o campo de Auschwitz.

Quem, segundo a opinião da Gestapo, deveria ser conduzido para um campo de concentração?

Essencialmente, cinco grupos de homens: os adversários políticos, os membros das raças «inferiores», os «seres inferiores do ponto de vista da biologia racial», os criminosos e os «associais».

Na segunda categoria entravam principalmente os judeus e os boémios ou ciganos. Essa «canalha», como diziam as SS, eram as suas vítimas preferidas. Os ciganos — se bem que se fale pouco deles — foram os mais cruelmente exterminados. Pereceram várias centenas de milhares e sobreviveram apenas algumas dezenas. A percentagem de vítimas deve ter sido, entre eles, da ordem dos noventa e nove por cento...

Quanto aos judeus, voltaremos a falar deles a propósito do papel desempenhado por Eichmann.

A história dos campos de concentração não é o nosso objetivo na presente obra.

Contudo, a existência desse universo concentracionário não deve ser esquecida e queremos dizer aqui que os campos de concentração foram uma instituição típica das SS, alimentando o objetivo final da Gestapo. Relembremos aqui o legítimo sentimento de horror e de indignação provocados, no fim da Segunda Guerra Mundial, pela revelação das atrocidades perpetradas nesses campos, sentimento que o tempo não fez desaparecer. Mas, nessa primavera de 1934, de que estamos agora a falar, por mais dura que fosse a vida nos campos de concentração, por mais horrorosas que fossem por vezes as execuções, esses campos não se tinham ainda transformado no «inferno organizado», do qual o mundo teria, em 1945, uma visão lamentável.

Enquanto Himmler e Heydrich organizavam assim o seu «estado SS» no seio do Estado nazi, uma grave crise abalaria este último. Os dois chefes das SS sairão dela mais fortes do que nunca.

A hora da explicação decisiva entre Roehm e Hitler vai soar. O chefe das SA arvora-se cada vez mais em rival de Hitler. No entanto, o Führer hesita ainda em atingir o seu antigo companheiro de luta, o único membro do partido, além de Rudolf Hess, que ele trata por tu.

Heydrich contra Roehm

Goering, Himmler e sobretudo Heydrich vão provocar, não sem uma certa dificuldade, a decisão do Führer no sentido que eles desejam: a eliminação física de Roehm e dos principais chefes das SA. Cabe a Heydrich preparar a armadilha. Consagrou todo o mês de maio a pôr de pé comandos de assassinos, a fazer as listas das vítimas e a reunir o máximo de «provas» de uma conspiração das SA contra o Führer. Todavia, as «provas» escasseiam: alguns ditos, pequenos depósitos de armas clandestinos, algumas afirmações mais ou menos sediciosas feitas por chefes das SA depois de beberem... Nada que pudesse permitir acusar Roehm de alta traição. Heydrich está furioso. E depois, dá-se o cúmulo: a 4 de junho, Hitler recebe Roehm. Heydrich vem a saber pelos seus homens da Gestapo que os dois velhos companheiros se tinham encontrado durante cinco

horas e que se tinham entendido para tratarem mais tarde da solução do problema das SA-Reichswehr. Ficou combinado que Roehm vai dar férias às SA durante um mês, a partir do dia 1 de julho. Em agosto se veria...

Estas informações da Gestapo parecem mais verídicas que a versão dada a 13 de julho por Hitler, segundo a qual tentara levar o chefe das SA, em vão, a um compromisso.

No dia seguinte a essa entrevista, Roehm anunciou que ia dar férias às SA durante o mês de julho, decidindo seguir ele próprio uma cura em Bad-Wiessee.

Iriam as esperanças de Heydrich desaparecer? Ser-lhe-ia bem difícil afirmar que as SA iam preparar um golpe quando se encontravam espalhadas por toda a Alemanha e até pelo estrangeiro, gozando tranquilamente as férias... Mas o génio demoníaco de Heydrich não tem falta de recursos. Não tinha provas? Fabricá-las-ia!

Com o apoio de Goering, a cumplicidade de Goebbels e de Rudolf Hess, Heydrich ativa os preparativos de repressão contra as SA, e, ao mesmo tempo, faz espalhar toda uma série de notícias falsas e de documentos falsificados. Começam a correr rumores de que se prepara um *putsch* das SA antes das férias, afirmando-se serem estas apenas uma manobra para adormecer a vigilância da Polícia. Estes boatos começam a correr as fileiras do Exército e chegam, cuidadosamente teleguiados, aos ouvidos de Hitler.

O Führer, contudo, não parece ainda decidido. Sem dúvida desconfia dos seus colaboradores demasiado zelosos, e de Goering tanto como de Roehm. Conforme o seu hábito, também não lhe desagrada lançar forças rivais umas contra as outras, o que lhe permite afirmar o seu papel de árbitro supremo. Mas Heydrich estava demasiado comprometido para recuar. A depuração das SA tinha de se fazer, e rapidamente, antes do 1 de julho.

Roehm conspiraria?

Teria verdadeiramente Roehm um projeto de *putsch* em mente? Não está excluído tal facto, embora não tenhamos qualquer prova a favor nem contra. Temos de reconhecer objetivamente que tudo permite pensar

que ele acarinhava projetos cuja realização levaria à eliminação de Hitler. Muitos historiadores, querendo enegrecer Hitler neste assunto, procuraram clarificar Roehm. O chefe das SA não era nenhum santinho, e é possível, senão provável, que, nessa viragem principal da sua ascensão política, Roehm tivesse previsto, uma vez mais, o recurso à força para assegurar o seu próprio destino, passando a fidelidade ao Führer, desde logo, para segundo plano. Roehm tinha apenas desprezo pelo III Reich hierarquizado e autárquico que Hitler estava a construir. Tinha-se oposto sempre à ordem mística «do Sangue», inspirado nas «visões» de Hitler, nas divagações de Rosenberg, e no louco orgulho de Himmler. Esses «devaneios teutónicos», dizia Roehm, «são bons para os impotentes»... O que ele queria era uma espécie de república pretoriana, socialista e militar, um Estado SA, no qual os camisas-castanhas exerceriam diretamente o poder.

O conflito Hitler-Roehm, polarizado pelo Reichswehr, era portanto muito mais profundo do que parecia. Mas Roehm teria a intenção de agir tão rapidamente como Himmler e Heydrich afirmaram a Hitler? Isso é outra questão.

O que é certo é que a camarilha reunida em redor de Roehm preparava metodicamente o ambiente psicológico necessário a «uma segunda revolução», segundo a expressão favorita do próprio Roehm.

Um erro de Roehm

Perante a atitude de Hitler, Heydrich fica a remoer a sua amargura. Os seus esforços não resultam. Que fazer se Hitler continuasse a hesitar e sobretudo a repelir a ideia de uma liquidação física de Roehm? Um concurso de circunstâncias vai servir os projetos sangrentos do trio Goering-Himmler-Heydrich... Os acontecimentos vão precipitar-se.

Antes de mais, Roehm começa a colocar imprudentemente as garras de fora. Arrependendo-se, sem dúvida, de ter cedido a Hitler aquando da última entrevista de 4 de junho, que fez surgir a ideia das férias das SA, mandou publicar, a 8 de junho, em toda a imprensa, um comunicado ameaçador:

«Os inimigos das SA receberão a resposta que merecem em tem-

po oportuno e na devida forma. Se os nossos inimigos pensam que as SA não voltarão das suas férias, ou que só voltarão parcialmente, enganam-se. As SA são, e continuarão a ser, donas do destino da Alemanha!» Esta imperícia agrada a Heydrich, que pensa que Hitler não gostará do desafio.

Um acontecimento internacional vai também desempenhar o seu papel no assunto. A 14 de junho, Hitler toma o avião, via Pádua, para Veneza, onde irá conferenciar com Mussolini. O anúncio dessa visita causa grande agitação nos meios internacionais e provoca vivo entusiasmo na Alemanha. Mas para Hitler essa viagem será um fiasco e ele regressará de Itália profundamente ferido. Mussolini, com efeito, trata Hitler com condescendência, como um professor trataria um aluno, prodigalizando conselhos e multiplicando os exemplos edificantes. Recomenda a Hitler que se habitue a afastar, de tempos a tempos, aqueles que o rodeiam, de modo a não permitir que os seus colaboradores se tornem demasiado poderosos. E Mussolini pronuncia o nome de Roehm, pelo qual não esconde a sua antipatia, acrescentando:

— Comece por pôr um pouco de ordem na sua casa! Desembarace-se dos agitadores que comprometem o regime nacional-socialista entre a opinião pública internacional...

Von Papen também fala do assunto

Dois dias mais tarde, Franz von Papen, vice-chanceler, pronuncia, na Universidade de Marburgo, um grande discurso de inspiração cristã e monárquica, em violenta oposição contra o regime de Hitler, acusando-o de «deixar proliferar os fanáticos e os tagarelas que falam inconsideradamente em desencadear uma segunda revolução». Ataca «tudo o que existe de egoísmo e de pretensão sob a capa da revolução alemã». Não esconde as suas críticas a respeito da confusão entre «virilidade e brutalidade» entre os membros do NSDAP e dos «métodos terroristas tanto no domínio da justiça como da polícia»...

Apesar de ter sido censurado por Goebbels, este discurso provoca o efeito de uma bomba.[7]

[7] Só a *Gazeta de Frankfurt* pôde imprimi-lo antes de ser proibido.

Hitler replica nesse mesmo dia no decorrer de uma reunião do NSDAP, em Gera (Turíngia):

«...Todos esses anões que imaginam ter algo a dizer serão varridos pela força da nossa ideia comum. Pois todos esses anões esquecem uma coisa, sejam quais forem as críticas que eles julguem poder formular: onde está algo melhor para poder substituir o que existe? Onde se encontra o que eles querem pôr no seu lugar? É ridículo, esse vermezinho que quer combater uma renovação tão poderosa de um povo!...»

Todos os outros chefes nazis reagiram com violência contra o discurso de Von Papen e previnem os inimigos do regime — os de direita (Von Papen), assim como os da esquerda (Roehm) — que fazem mal em contar com uma longa impunidade: Rosenberg, a 20 de junho, no *Volkischer Beobachter*; Goebbels, a 21 de junho, num grande discurso em Berlim. A 25 de junho, Rudolf Hess, na rádio de Colónia, parece querer preparar psicologicamente o país para acontecimentos graves, exigindo a fidelidade incondicional a Hitler:

«Infeliz daquele que quiser servir a revolução organizando uma revolta! (...) Adolf Hitler é o grande estratega da revolução (...). Pobre de quem espezinha pesadamente os fios ténues dos seus planos estratégicos na esperança vã de poder chegar mais depressa do que ele. Esse é um inimigo da revolução, mesmo que esteja de boa-fé.»

O desafio a Roehm é claro. A 28 de junho, num discurso feito em Hamburgo, não menos violento, Goering declara:

«Quem não concede a sua confiança a Hitler comete um ato de alta traição. Quem destrói essa confiança destrói a Alemanha e deve recear pela sua cabeça.»

Um «dossiê» falseado

Foi nesse clima que Goering levou a Hitler um dossiê, elaborado sob os auspícios de Himmler, Heydrich e Daluege, sobre o estado de espírito das SA em toda a Alemanha.

Compõe-se de numerosas cartas apanhadas pela censura, de relatos de escuta telefónica reproduzindo conversas trocadas entre os chefes das SA, de denúncias mais ou menos anónimas, de relatórios de agentes da

Gestapo encarregues de vigiar os chefes das SA... Todo o dossiê foi cuidadosamente «arranjado» por Heydrich. Não se trata de *putsch* contra o Führer, nem de atentado, nem mesmo de uma rebelião, mas a leitura do conjunto deixa temer o pior: as SA nunca tolerarão que as despojem do poder. Pelo contrário, manifestam que tencionam quebrar, a bem ou a mal, «as correntes que os partidos reacionários e a grande indústria impuseram a Hitler».

Quando leu esse relatório, onde alguns epítetos mal sonantes o ferem pessoalmente, o Führer apercebe-se de que o estado de espírito das SA conduzirá rapidamente à guerra civil. A ideia de voltar aos dias sombrios e sangrentos do inverno de 1918-1919 parece-lhe intolerável. Sente que deve abafar essa revolta ainda em embrião e não se contentar com meias-medidas. Agirá enquanto as SA se encontram de férias: uma mudança total da organização das SA será efetuada. Dá a sua caução à operação montada por Heydrich contra as SA, mas não fixa a data da execução. Continua a hesitar em atingir os seus antigos companheiros. Queria que tudo se passasse sem efusão de sangue.

O trio Goering-Himmler-Heydrich impacienta-se: a 30 de junho, decide passar à ação e pôr Hitler perante o facto consumado.

Com o apoio do general Von Reichenau, que faz excluir, a 25 de junho, Roehm da associação dos oficiais alemães, Heydrich e Himmler aperfeiçoam os últimos pormenores da purga.

A 23 de junho, Hitler dirige-se a Neudeck, para informar o general Hindenburg das decisões que acaba de tomar. Mesmo antes de poder abrir a boca, Hitler ouve o velho soldado censurar-lhe em termos violentos «deixar que certos jovens evoquem a possibilidade de uma segunda revolução». Depois, despedindo-o com um gesto, sem sequer dar tempo a Hitler de se explicar, diz-lhe: «É chegada a altura de pôr um pouco de ordem na casa!»

Depois de Mussolini, Hindenburg! E logo a seguir surge o terceiro: o general Von Blomberg, com quem Hitler se cruza ao sair do gabinete do velho marechal. O ministro do Reichswehr diz-lhe: «O Exército tem necessidade de tempo e de reflexão para realizar a sua transformação. Se o partido deve agir de acordo com o Estado, não deve agir em detrimento desse mesmo Estado. Acho que seria altura de pôr termo a essa agitação lamentável, e trazer à razão os extremistas do seu partido...»

Hitler no casamento de Terboven

No campo das SS entregam-se aos últimos preparativos. A 28 de junho, está tudo a postos. Esperam apenas pela luz verde da parte de Hitler. Irá ele passar finalmente à ação?, perguntam entre si os conjurados.

Nesse dia, Hitler dirige-se com Goering para Essen para assistir ao casamento do *Gauleiter* de Vestefália, Josef Terboven, e para encontrar certas personalidades marcantes da indústria metalúrgica, nomeadamente Krupp von Bohlen.

Numerosos historiadores interpretaram essa viagem como um meio utilizado pelo Führer para dissipar as suspeitas das suas futuras vítimas. Os documentos que encontrei nos arquivos do *Reichsführer* das SS Himmler permitem-me hoje dizer que Hitler, ao partir para Essen, não se decidira ainda a agir antes do dia 1 de julho, e que pensava mesmo ter novo encontro com Roehm, antes de tomar a decisão pedida pelas SS e por Goering.

Mal Hitler acabara de chegar ao local onde se efetuará o casamento, chamaram-no com urgência ao telefone, de Berlim. Era Himmler, que transmitia ao seu Führer «as últimas e ameaçadoras notícias sobre a maquinação das SA». Irritado, Hitler deixou a festa do casamento e dirige-se para o Kaiserhof para ir aconselhar-se com Goering, Goebbels, Viktor Lutze e os seus colaboradores mais chegados.

Multiplicam-se os telefonemas entre Essen e Berlim. Segundo Himmler, o que é inteiramente falso, as SA preparavam-se ativamente, em todo o país, para uma sublevação contra o Reichswehr. Fixa-se então a data: 30 de junho; e a hora também: dezassete horas.

Hitler enerva-se, e de súbito explode:

— Estou farto! Preciso de dar o exemplo!

Ordena a Goering que volte a Berlim, para apreciar a situação e esperar a sua chamada para passar à ação contra as SA. Depois telefona a Roehm, para Bad Wiessee, dizendo-lhe que é preciso regularizar o mais depressa possível o conflito SA-Reichswehr. Para isso, é necessário, diz ele, que todos os *Obergruppenführer*[8] das SA, os *Gruppenführer*[9] das SA e

[8] General de exército.

[9] General de corpo de exército.

inspetores das SA se dirigissem à residência de Roehm em Bad-Wiessee, a 30 de junho, às onze horas, tendo em vista uma sessão plenária à qual, ele, Hitler, assistiria.

Roehm não desconfia ainda de nada. Quando desliga o telefone, volta-se para o cavaleiro Von Epp e diz-lhe: «Todos estes mal-entendidos serão em breve esclarecidos.» Roehm manda então reservar mesas no Hotel das Quatro Estações, em Munique, para oferecer um jantar a Hitler no dia 30 de junho...

Em Berlim, Goering, Himmler e Heydrich estão cheios de atividade. A SS-Leibstandarte Adolf Hitler e a Landespolizeigruppe General Goering ficam em estado de alerta. Por seu lado, Von Reichenau põe o Reichswehr em pé de guerra. Em todo o Reich, por ordem de Himmler, as SS voltaram às suas casernas respetivas.

O testemunho de Schellenberg

Em 1952, Walter Schellenberg, antigo chefe do SD-Ausland, que saía das prisões americanas e não tardaria a morrer, contou-me o que viu nesse 29 de junho de 1934, em Bad-Godesberg, no Hotel Dreesen, onde, como simples elemento das SS, se encontrava de guarda.

«Durante todo o dia», diz-me ele, «estranhos e inquietantes rumores tinham chegado à minha unidade das SS. Evocavam uma conspiração, divisões na chefia do NSDAP, catástrofes próximas e decisões radicais do Führer.

Eu encontrava-me de guarda no interior do hotel, perto das portas envidraçadas que davam do terraço para a sala de jantar; dali estendia-se a vista sobre as águas pesadas, poderosas e wagnerianas do Reno e pelas encostas rochosas e arborizadas do maciço das Siebengebirge [«Sete Montanhas»], com os cumes fortificados do Petersberg. Nessa mesma sala tinham sido feitos preparativos para uma conferência e ao fim de pouco tempo "eles" chegaram. Entre os altos dignitários do partido reconheci Adolf Hitler. Tinha um ar apático, fechado, secreto. Vi também o Dr. Goebbels.

De repente, o céu escureceu. O ar tornou-se mais abafado. A tempestade rebentou com uma violência espantosa. Eram cerca das dezas-

seis horas. Quando a chuva começou a cair, eu encontrava-me no terraço e encostei-me a uma porta envidraçada para me abrigar um pouco. Os relâmpagos iluminavam o céu, em ziguezague, dando à paisagem uma claridade estranha e sinistra. O vale repercutia o furor da tempestade, que lançava sobre tudo verdadeiras trombas de água fustigadas por um vento demente.

De tempos a tempos, Hitler aproximava-se da porta envidraçada junto da qual eu me encontrava e observava a tempestade, com os olhos perdidos no vácuo. Era bem visível que ele se sentia esmagado pelo peso de graves e difíceis decisões a tomar.»

O *Oberleutnant*[10] Wilhelm Bruckner, ajudante-de-campo do Führer, ia e vinha, trazendo despachos que se sucediam uns aos outros. A conversa entre Hitler e Goebbels era animada. De súbito, surgindo da tempestade, apareceu uma motocicleta perto do hotel. O seu condutor deixou a máquina, subiu rapidamente as escadas e dirigiu-se a Bruckner, que fora alertado por Schellenberg. Levava uma mensagem do *Reichsminister* Goering. Bruckner transmitiu-a a Hitler, que a leu, e que, sem uma palavra, a entregou a Goebbels.

Em Berlim, Karl Ernst, *Obergruppenführer* da Sturmabteilung (SA), teria posto os seus homens em estado de alerta desde essa tarde de sexta-feira, 29 de junho. A informação de Goering confirmava portanto as de Himmler. Hitler persuade-se a pouco e pouco sob a influência de Goebbels de que as SA estão efetivamente decididas a passar à ação na capital. Esse Karl Ernst é um homem decidido que não tem ainda trinta e cinco anos e comanda 250.000 homens tão resolutos como ele. Hitler conhece-o bem. Ele sabe que o antigo porteiro de hotel que arvora hoje uniformes deslumbrantes, carregados de medalhas, de insígnias, de berloques, é de um cinismo total. Tem uma cabeça grande e vulgar de má pessoa, uma boca de lábios grossos que mostra bem a sua sede de prazeres e de violências. Em Berlim, temem-no. As SA são tabus. Podem roubar, violar e matar, que Ernst as defende sempre. Para algumas pessoas ele não passa de um sádico, um «delito comum» transformado num oficial responsável, em representante da ordem e do Estado. O dossiê constituído por Heydrich sobre Ernst, do qual Hitler teve conhecimento, é esmagador. Mas Ernst é o braço-direito de Roehm. Atingir Ernst é atingir também Roehm. E foi esse Karl

[10] Tenente.

Ernst quem acabou, segundo a mensagem de Goering, de pôr as suas SA em estado de alerta... Hitler está preocupado. Hesita sobre a decisão a tomar. Goebbels cala-se.

Sepp Dietrich chega de Berlim

«Até às oito horas da noite», disse-me Schellenberg, «a tempestade não abrandou. Depois a tormenta apaziguou-se: a massa das nuvens foi-se afastando, e, a pouco e pouco, tudo voltou a ficar tranquilo e sereno, como que pacificado por encantamento.

Depois do jantar recomeçou a conferência. Foi então que vi chegar, vindo de Berlim, o comandante da SS-Leibstandarte Adolf Hitler, Sepp Dietrich, o ex-sargento bávaro que fora também cortador e empregado de hotel antes de entrar para o NSDAP e depois para as SS e de ter sido designado para chefiar duzentos homens cuidadosamente escolhidos da guarda pessoal do Führer. Os seus homens, desde o Congresso de Nuremberga de 1933, velavam pelo emblema sagrado do partido, o estandarte do *putsch* de Munique de 9 de novembro de 1923, empunhado pelo jovem voluntário Bauriedl antes de ser morto.»

Sepp Dietrich, de maxilares quadrados, poderosos, e dentes reluzentes, era de estatura mediana, mas parecia mais alto com o seu uniforme preto, sobre o qual brilhavam as folhas de carvalho douradas do seu posto nas SS. Era um executante fiel que vivia diariamente junto do Führer. Adolf Hitler podia confiar inteiramente nele. Os olhos de Sepp mostram bem que, por fanatismo, está disposto a morrer e a matar pelo Führer.

«O *Gruppenführer* das SS Sepp Dietrich saudou o chanceler do Reich», continuou a contar Schellenberg. «Este deu-lhe uma ordem breve que eu percebi perfeitamente: "Meta-se imediatamente no avião e dirija-se para Munique. Logo que lá chegar, telefone-me para aqui, para o hotel. Dar-lhe-ei então as minhas instruções pormenorizadas."»

«É o *putsch*!»

Quando Sepp Dietrich telefona de Munique, recebe uma segunda ordem do Führer: «Vá imediatamente a Kaufering para se pôr à frente de duas companhias das SS e encaminhe-se para Bad-Wiessee.»

Hitler acrescentou:

— Eu vou lá ter.

Uma notícia precipitou a decisão de Hitler:

Adolf Wagner, *Gauleiter* e ministro do Interior bávaro, fez-lhe notar, pelo telefone, que as SA tinham ido para a rua em Munique, à noite, lançando slogans hostis a Hitler e ao Reichswehr e cantando canções revolucionárias. Uma delas tinha por refrão este verso significativo:

Afiem as vossas compridas facas na beira do passeio!

A informação de Wagner é em parte verdadeira, mas, cúmplice das SS, o *Gauleiter* ampliou o acontecimento e Hitler acreditou em Wagner. Foi então que o Führer decidiu ir ele próprio a Munique e depois a Bad-Wiessee.

Mal a comunicação com Sepp Dietrich terminou, o telefone tocou outra vez. De Berlim queriam falar com Hitler. Hitler atendeu. À medida que vai ouvindo Himmler, o seu rosto transforma-se. Não consegue dominar o nervosismo. Responde por monossílabos. Quase deixa cair o auscultador. O seu olhar torna-se subitamente brilhante. Desliga e volta-se para Goebbels. Himmler informara-o, diz ele, de que o alerta geral das SA está realmente previsto para sábado, 30 de junho, e que a Gestapo acabara de saber que às dezassete horas as SA devem ocupar os edifícios governamentais.

— É o *putsch*! — exclama Hitler, que repete várias vezes a palavra *putsch*.

Hitler mostrava-se cada vez mais nervoso. No seu rosto podem ler-se a violência e a inquietação. Nunca pareceu duvidar das informações transmitidas por Goering, Wagner e Himmler.

— Ernst — diz Hitler a Goebbels — não partiu para Bad-Wiessee como devia. É portanto ele que deve dirigir o *putsch* em Berlim...

Goebbels não contraria Hitler. No entanto, sabe bem que o *Gruppenführer* Karl Ernst deixou na véspera a capital alemã para se dirigir para Brema, onde deve tomar um barco com destino a Tenerife e Madei-

ra, locais escolhidos para a sua viagem de núpcias. Ernst acabara de se casar. Nisto vê-se claramente o jogo de Goebbels.

Chegara a hora da ação. O chanceler do Reich tomara a sua decisão. A «Noite dos Facas-Longas» vai começar. Ela assinalará uma viragem capital na história do nazismo.

Hitler parte para Munique

Walter Schellenberg deu-me ainda mais estes pormenores:

«Era cerca da uma hora da manhã. O *Oberleutnant* Bruckner, imponente, veio direito a mim. Disse-me que era necessário abrir a estrada até ao aeroporto de Bonn-Angelar, a menos de quinze quilómetros de Godesberg. O Führer ia partir e não queria perder tempo. Transmiti imediatamente esta ordem ao meu chefe. Adolf Hitler saiu com os seus companheiros.

Hitler apertou a mão a Anton Dreesen, dono do hotel e antigo companheiro de guerra do Führer. Este subiu para a parte de trás do *Mercedes* que esperava junto das escadas. Goebbels sentou-se junto dele e Bruckner instalou-se à frente, ao lado do motorista. O carro do chanceler partiu imediatamente.

Chegaram camiões para os guardas e nós tomámos lugar neles. Seguiram o carro, na noite, até ao aeroporto de Bonn-Angelar, onde o piloto pessoal do Führer, Hans Bauer, esperava na pista, junto do seu aparelho, um pesado trimotor *Ju-52*. Quando viu o pequeno grupo de seis homens que acompanhava o Führer, Bauer saltou para a carlinga e fez roncar os seus motores. Hitler levava consigo o Dr. Joseph Goebbels, Otto Dietrich, chefe dos serviços de imprensa, Viktor Lutze e três guarda-costas (Bruckner, Schaub e Schreck). O grande avião elevou-se pesadamente do solo e tomou a direção de Munique. Eram duas horas da manhã.»

Testemunho de Otto Dietrich:

«Sentado à frente, perto de Hans Bauer, Adolf Hitler não abria a boca e o piloto respeitava o silêncio do seu chefe. Com as feições cavadas e inchadas pela insónia, os cabelos caídos em desordem para a testa, conservava o boné sobre as pernas cruzadas e erguera a gola do seu casacão de

cabedal amarrotado. Com as pálpebras semicerradas, mergulhado nos seus pensamentos, mais do que nunca enigmático e distante, o Führer fixava silenciosamente a extensão escura que se estendia na sua frente. Com toda a força dos seus três motores, o *Junkers* voava sobre a Baviera. Lentamente, diante de nós, o céu do dia 30 de junho começou a aclarar. O tempo estava muito bonito. Às quatro horas da manhã pousámos no aeroporto de Munique.»

Em Berlim e em Wiessee

A quinhentos quilómetros de Munique, no número 8 da Prinz-Albrecht-Strasse, sede da Gestapo, encontram-se dois homens no seu gabinete desde as duas horas da madrugada. Himmler e Heydrich. Uma última vez eles examinam a lista, longa, muito longa, dos homens que vão mandar assassinar. Esperam o sinal que virá de Munique. Às 3.45 horas, o telefone toca no gabinete de Himmler. É o *Gauleiter* Wagner quem, de Munique, lhe anuncia que o Führer chegará dentro de alguns minutos e que o próprio Hitler dará as suas instruções ao chefe das SS. Quando Himmler relata essa informação a Heydrich, este, com um sorriso gelado, faz apenas um breve comentário:

— O Führer será obedecido para além das suas esperanças.

Na Pensão Hanselbauer, de Bad-Wiessee, nas margens do Tegernsee («lago de Tegern»), perto da fronteira germano-austríaca, um homem de tronco nu vive a sua última noite, mas, é claro, ignora-o: Ernst Roehm.

Depois de ter esvaziado intermináveis canecas de cerveja a transbordar, e de ter cantado hinos e marchas com os seus oficiais, ajudantes-de-campo, motoristas e guardas, todos das SA, Ernst Roehm, o pretoriano, o centurião, foi para a varanda do seu quarto. Uma brisa fresca, como sempre sucedia nessa estação, vinha dos cumes arredondados, cobertos de florestas e de pastos e corria ao longo do vale do Wiessach, fazendo erguer pequenas vagas sobre o Tegernsee, que brilhava à luz da Lua. Roehm pensa no telefonema do seu velho amigo Hitler. Não sente a mínima suspeita. Dera as últimas instruções ao cavaleiro Von Epp para o jantar que queria oferecer ao Führer no Hotel das Quatro Estações,

em Munique, e que selará, pensa ele, o acordo entre ambos a respeito do conflito SA-Reichswehr.

O rude soldado de nuca quadrada e ombros de touro arrepia-se e sai da varanda. Vai deitar-se. Só. Como de costume, veste apenas as calças do pijama. De tronco nu, deita-se sobre a cama, e adormece imediatamente, com um sono profundo. Hitler acaba de chegar a Munique.

«O Reichswehr não deve meter-se nisto»

Hitler saiu do avião e desceu rapidamente a escada metálica dirigindo-se para as viaturas que os esperavam. Caminha com grandes passadas nervosas. Não cumprimenta ninguém. Mais atrás, longe dele, Goebbels tentava alcançá-lo com as suas passadas defeituosas, coxeando. Hitler reparou que se encontrava perto dos carros um camião militar. Os soldados do Reichswehr, de capacete e espingarda entre os joelhos, encontram-se ali para assegurar a proteção ao chanceler do Reich e são apoiados por dois veículos blindados. Quando o oficial comandante do destacamento se dirige para o Führer e o saúda, Hitler diz-lhe num tom que não admite qualquer observação:

— Agradeçam ao general Adam, comandante da Wehrkreis VII, a cobertura militar que ele quis dar-me. Mas o Reichswehr deve permanecer totalmente alheio ao que se vai passar. Não deve meter-se nisto. Insisto: não deve meter-se nisto. — Depois acrescentou, num tom mais baixo:

— É o pior dia da minha vida... o mais duro. Mas, creia, saberei fazer justiça. Vou dirigir-me a Munique e depois a Bad-Wiessee... vou ocupar-me desses porcos... — Deu alguns passos, e depois, antes de entrar no carro, ordenou: — Informe imediatamente o general Adam das nossas intenções.

A madrugada torna o céu claro. Os objetos, as árvores e as silhuetas definem-se, mas o Sol ainda não apareceu. A luz é glacial. Hitler sobe para o carro acompanhado por Goebbels. Diz ao motorista:

— Para o Ministério do Interior!

As portas batem e os carros partem. Em poucos minutos atingem

os primeiros edifícios de Munique. As janelas das casas estão ainda fechadas, as lojas não abriram, os transeuntes são raros. Quando o carro para diante do Ministério do Interior, Hitler é, mais uma vez, o primeiro a sair. Encontram-se ali homens fiéis, que não ignoram que chegou a hora da ação e que estão com Adolf Hitler: Emil Maurice, Buch, Esser e outros. Hitler cumprimenta-os e, sempre seguido de Bruckner, entra no edifício. O *Gauleiter* Adolf Wagner, à esquerda do Führer, faz-lhe o ponto da situação: pelo menos de momento, não é de prever qualquer levantamento em Munique.

No segundo andar, na antecâmara do gabinete de Wagner, o *Obergruppenführer* das SA Schneidhuber espera, dormitando numa cadeira. Quando vê Hitler, tenta levantar-se, mas este cai sobre ele, vociferando:

— Traidor! Traidor! Prendam-no!

No gabinete de Wagner, Hitler, Goebbels e o *Gauleiter* fazem as listas dos homens que devem ser presos. O próprio Wagner telefona ao *Gruppenführer* das SA, Schmidt, dizendo-lhe para se dirigir imediatamente ao Ministério do Interior, onde o Führer o esperava.

Quando Schmidt entra no gabinete, Hitler lança-se sobre ele, gritando:

— Traidor! Está preso! Será fuzilado!

Arranca-lhe as insígnias de comandante. O espanto estampa-se no rosto de Schmidt, que tenta abrir a boca, mas não é capaz de se fazer ouvir, tanto Hitler vocifera. Enquanto levam Schmidt, que vai para junto de Schneidhuber, Hitler continua a dizer:

— Será fuzilado! Será fuzilado!

São quase seis horas. O céu está azul por cima de Munique. Tendo tratado dos problemas urgentes — prisão dos chefes das SA que se encontram em Munique, prisão dos chefes das SA que chegarão nessa manhã à estação de Munique e do seu encarceramento na prisão de Stadelheim, Hitler deixou o Ministério do Interior e dirigiu-se para o carro. O *Gauleiter* Wagner, que o acompanhara, fica no alto das escadas do ministério. A sua missão era ficar em Munique para controlar a situação, velar pelas prisões e impedir qualquer ação das SA.

A prisão de Roehm

O carro do Führer, com Schreck, parte em direção a Bad-Wiessee. Seguem-no o carro de Goebbels, de Walter Buch, chefe do tribunal de segurança nazi, de Emil Maurice e Hermann Hesser, assim como táxis requisitados e cheios de SS armados. São seis horas da manhã. Uns trinta minutos depois, o cortejo de carros passa junto do Tegernsee. Surgem as primeiras casas de Bad-Wiessee. Os carros abrandam a velocidade. Numa esquina encontra-se um camião cheio de tropas das SS da Leibstandarte Adolf Hitler, com o seu chefe, Sepp Dietrich. Os carros não se detêm. Correm em direção à Pensão Hanselbauer.

Os dois nazismos inimigos. Himmler (à esquerda), chefe das SS, e Roehm, chefe das SA, lado a lado em 1933
(Foto Keystone)

Elementos das SS, de revólver em punho, correm velozmente para o edifício, cujas janelas estão fechadas. O cerco faz-se rapidamente. A relva abafava o ruído das botas. Hitler encontra-se em frente da porta principal, rodeado de vários elementos

das SS, de Bruckner e de Emil Maurice. Subitamente, a um sinal de Hitler, as coisas precipitam-se. A porta é arrombada a pontapés e, segundo a descrição de Goebbels:

«Sem encontrar resistência, nós pudemos entrar em casa, surpreender o grupo de conjurados ainda mergulhados no sono e dar-lhes voz de prisão. É o próprio Führer quem procede às prisões. Um elemento das SS sem galões declara: "Queria que as paredes se abatessem e que todo o povo alemão pudesse ser testemunha daqueles factos. Compreenderia como o nosso Führer tem razão em pedir contas, impiedosamente, àqueles que são culpados. Como tem razão em fazer pagar com a vida o crime que eles cometeram para com a nação!"»

O primeiro quarto em que penetraram foi o do conde Spreti, *Standartenführer*[11] das SA de Munique, que não tem sequer tempo de se levantar, e é arrastado para fora da cama, seminu, levado para o corredor, no meio de insultos.

No quarto vizinho, o general das SA da Silésia, Edmund Heines, antigo assassino de St.-Vehème e velho nazi que entrara no *putsch* de 9 de novembro de 1923 em Munique, dormia nu, abraçado ao seu jovem motorista. Emil Maurice e Bruckner arrombaram a porta, de revólver em punho, surpreendendo o par. Heines, que tinha um rosto de rapariga mas um corpo de atleta, estendeu a mão para o revólver que se encontrava na mesa de cabeceira. Emil Maurice disparou. Heines caiu. Então ele e o motorista foram amarrados e manietados. Em seguida, levaram-nos para fora e abateram-nos com um tiro na nuca.

Perto dali, os membros do estado-maior de Roehm sofriam a mesma sorte. Num canto do corredor, o *Standartenführer* Julius Uhl, chefe da guarda pessoal de Roehm, jazia estendido no chão, estreitamente abraçado a um outro ajudante-de-campo, o *Obersturmführer* Reiner. Os rostos de ambos estão ensanguentados pelos pontapés dados pelas botas dos SS.

Enquanto estas cenas se desenrolam, uma outra cena tem lugar, trágica, horrível. Trair a esse ponto a amizade ultrapassa a imaginação. Hitler bate à porta de Roehm. Tamborila com os dedos sobre a madeira, gritando:

— Abre!

A voz sonolenta de Roehm pergunta:

— Quem está aí?

[11] Coronel.

— Sou eu, Adolf. Abre!

— O quê? Já? — exclama Roehm. — Já chegaste? Não te esperava antes do meio-dia...

— Abre!

Roehm abre a porta. Surge, maciço, com o torso nu, o rosto vermelho, inchado pela curta noite, com o cabelo hirsuto e o olhar interrogativo.

Com o rosto convulsionado e a boca espumante, batendo colericamente com o seu chicote de pele de hipopótamo no seu comprido casaco de cabedal preto, Hitler lança uma torrente de injúrias e de invetivas sobre o seu camarada, que permanece estupefacto, mudo, mal acordado. Roehm fora muitas vezes testemunha das cóleras de Hitler, mas nunca vira tal raiva, tal histerismo. Tenta protestar. Hitler redobra o furor. Empurra Roehm para dentro do quarto. A porta fecha-se sobre os dois homens. Rapidamente, a voz do chanceler perde a sua intensidade. Ouve-se o barulho da discussão entre os dois homens, mas não se percebe as suas palavras. Ninguém conhecerá jamais o segredo dessa entrevista dramática. Roehm certamente se recompôs e enfrentou vivamente Hitler. A porta abriu-se de repente e Hitler, pálido, desesperado, no paroxismo da cólera, berra:

— Este porco está a faltar-me ao respeito. Prendam-no imediatamente!

À entrada da porta, Roehm alisa maquinalmente os cabelos. Tem um roupão no braço, mas continua em calças de pijama e de torso nu e pés descalços. Dois SS agarram-no e arrastam-no para o vestíbulo da prisão. A operação está terminada. Falta apenas regressar a Munique com os prisioneiros e os cadáveres.

São 7.45 horas. Produz-se então um incidente inesperado: surge um comando de choque das SA, convocado por Roehm para prestar honras a Adolf Hitler e aos chefes das SA que deviam tomar parte na conferência. Hitler intima o chefe das SA, num tom que não admitia réplica, a dar meia-volta e a regressar a Munique. O chefe das SA, sem compreender, obedece.

Hitler e os seus prisioneiros regressam também a Munique. No decorrer desse trajeto, o comboio de viaturas cruza-se com carros que levam chefes das SA para a reunião. Hitler manda-os parar e interroga os seus ocupantes. Se, à pergunta: «Estão com Roehm?», eles respondem: «Evidentemente que sim», são injuriados, desarmados e levados para

Munique. Caso contrário, são convidados a juntar-se à caravana e a seguirem com eles para Munique.

A ratoeira funciona

Entretanto, Wagner, Lutze e Rudolf Hess, estes chegados de Berlim por avião, prepararam uma ratoeira na estação de Munique. À vinda do comboio de Berlim, os oficiais das SS prendem todos os chefes das SA que chegam. Passa-se o mesmo, durante toda a manhã, à chegada dos outros comboios vindos de direções diversas. Todos os chefes das SA são conduzidos diretamente à prisão de Munique-Stadelheim, onde os SS de Sepp Dietrich mantêm a ordem.

Logo que chega a Munique, Hitler dirige-se à estação, a Hauptbahnof, situada no centro da cidade. Ouve os relatórios dos SS e do *Gauleiter* Wagner. Hess, Goebbels e Lutz encontram-se lá também. Tudo se desenrola normalmente, sem qualquer dificuldade. Hitler decide então dirigir-se para a Casa Castanha, situada a algumas centenas de metros da estação, na Briennerstrasse. O cortejo de carros parte de novo.

São exatamente dez horas quando Hitler entra na sede do partido. O edifício está guardado pelas SS e nas ruas vizinhas estacionam soldados do Reichswehr.

O Führer toma conhecimento dos despachos de Berlim. Em execução das ordens dadas, segundo o plano «Colibri», Himmler e Goering «abafaram» o pretenso «movimento de insurreição».

Em todo o território, os comandantes regionais do SD abrem os sobrescritos selados que contêm instruções confidenciais redigidas por Heydrich. Os comandos da morte são postos em ação por toda a parte.

Tal é a vontade do Führer!

Em Munique, a sangrenta repressão começa no princípio da tarde. Após um breve interrogatório, os chefes das SA são levados um a um para o pá-

tio da prisão, onde reina um calor sufocante. Os pelotões são compostos por oito SS cuidadosamente escolhidos. Obedecem à voz de comando:

— Tal é vontade do Führer! Heil Hitler! Fogo!

Uma primeira salva abateu o general August Schneidhuber, *Obergruppenführer* das SA da Baviera e prefeito da Polícia de Munique. Seguem-se o general Hans Hayn, *Gruppenführer* das SA de Saxe; o general Hans Peter von Heydebreck, *Gruppenführer* das SA da Pomerânia; o general Schmidt, *Gruppenführer* das SA de Munique; depois ainda o general Fritz von Kraussner, os coronéis Lasch e Kopp, o conde Erwin von Spretti, o capitão Uhl, o tenente Reiner e outros...

E Roehm?

— Agraciei Roehm devido aos serviços prestados — diz Hitler.

«Fuzilar!... Fuzilar!...»

Em Berlim, o terror instala-se também. No palácio da Leipzigerplatz, Goering, Himmler ou Heydrich dão ordens bem claras. Assim, por exemplo, Goering convoca Gildisch e diz-lhe simplesmente:

— Procure Klausener, presidente da Ação Católica, e abata-o.

O *Hauptsturmführer* (capitão) das SS Gildisch bate os calcanhares, estende o braço direito, dizendo: «Heil Hitler!», e dirige-se para o Ministério dos Transportes, para ir procurar a nova vítima.

Enquanto criados de libré levam regularmente a Goering, Himmler e Heydrich sanduíches e garrafas de cerveja, os homens da Gestapo colocam sobre a secretária de Goering pequenas fichas brancas que comportam um ou vários nomes de homens presos e conduzidos à escola de cadetes de Lichterfelde. O «bom e gordo» Goering diz, então, numa voz simultaneamente violenta e alegre:

— Para fuzilar!... Para fuzilar!... Para fuzilar!...

Gisevius, presente no palácio de Goering, ficou perturbado com a atmosfera que ali reinava. Escreveria:

«Uma súbita angústia apoderou-se de mim. Respirava-se ali uma atmosfera de ódio, de nervosismo, de tensão, de guerra civil e sobretudo de sangue. Em todos os rostos, desde os das sentinelas até ao do último plantão, via-se que se estavam a passar coisas terríveis.»

Soube-se que foram abatidos o general Von Schleicher, antigo chanceler do Reich, e sua mulher; Erich Klausener, braço-direito de Von Papen; o conselheiro Von Bose, chefe do gabinete do mesmo ministro Von Papen; depois o general Von Bredow, antinazi, antigo chefe do Abwehr; Edgar Jung, um conselheiro de Von Papen; Walther Schotte; o Dr. Voss; Karl Ernst; o coronel Von Detten; o ás da aviação Gerd...

Na caserna de Lichterfelde, logo que os prisioneiros chegam, de algemas nos pulsos, são imediatamente encostados ao muro, cujo pelotão de execução não se encontra a mais de cinco ou seis metros. Em breve o muro ficou sujo de sangue. E no seu palácio de Leipzigerplatz, Goering continuava a gritar:

— Para fuzilar!... Para fuzilar!...

A morte de Gregor Strasser

Na prisão da Prinz-Albrecht-Strasse, um prisioneiro notável acabava de chegar. Heydrich, imediatamente prevenido, sorriu. Foi logo transmitir a boa nova a Goering e a Himmler.

— Os meus homens capturaram Gregor Strasser. Encontra-se na Prinz-Albrecht-Strasse. Esse porco vai finalmente morrer.

— Fuzilem-no! — disse Goering.

— Não — disse Heydrich. — Se me permite, é melhor meter-lhe uma bala no crânio. Um pelotão de execução é uma honra grande de mais para semelhante canalha.

Gregor Strasser, um dos primeiros nazis, aquele ao qual Hitler talvez devesse mais, pois organizara magnificamente o NSDAP, era um homem de grande envergadura, um chefe político. Cortara as relações com Hitler porque não era homem que se calasse ou que poupasse as palavras para condenar, diante do próprio Führer, tanto Goering como Goebbels, Hess ou Himmler. Estes últimos tinham contas a ajustar com ele e ajustam-nas.

Gregor Strasser foi preso quando se preparava para almoçar com a mulher e os filhos, gémeos, cujo padrinho era o próprio Adolf Hitler. Os oito inspetores da Gestapo não lhe fazem nenhuma pergunta, nem dão qualquer explicação. Limitam-se a pôr as algemas a Strasser e levam-no

para a prisão da Gestapo, onde é lançado para o fundo de um calabouço com uma claraboia no teto que dá para um corredor interior. Durante várias horas, Strasser permanece ali, sozinho, sem saber do que se trata, sem ninguém que lhe responda, na penumbra da cela.

De súbito, Strasser adivinha uma sombra na claraboia. Instintivamente, dá um salto para o lado. A bala disparada por um revólver vai alojar-se na parede, a uns trinta centímetros da cabeça dele. Strasser consegue chegar à parede no cimo da qual se abre a claraboia, única maneira de não ser atingido pelos tiros. Então, é atingido num ombro e cai para cima da cama. Dois outros tiros atingem-no no ventre e nas coxas. O sangue começa a espalhar-se pela cama e pelo chão. Nesse momento, entram três elementos das SS[12] e esmagam o rosto e o ventre de Strasser a pontapés. Em seguida, retiram-se. Gregor Strasser sofre um longo estertor. Heydrich declarara:

— Deixem sangrar esse porco!

À noite, contudo, um SS entra na cela e dá-lhe um tiro na nuca, para acabar de o matar.

O banho de sangue estende-se por toda a Alemanha e a repressão começou a sair dos quadros para que fora primeiro designada. Goering liquida todos aqueles que lhe causaram aborrecimentos e cuja vida pode parecer-lhe uma ameaça. Himmler e Heydrich agem exatamente da mesma maneira.

Foi assim que foram assassinados os chefes das SS Anton Freiherr von Hohberg und Buchwald; Von Kahr, o antigo chefe do Governo bávaro, que desempenhou o papel que se sabe na repressão do *putsch* de Munique em 1923; o Dr. Fritz Beck, chefe dos estudantes católicos de Munique; o Dr. Willy Schmidt, eminente crítico musical (abatido por engano); o padre Stempfle, religioso hieronimita, que corrigira o *Mein Kampf* e fora antigo confidente de Hitler; além de outros...

Essa «Noite dos Facas-Longas», como lhe chamaram, parecia nunca mais terminar. Ninguém conseguiu saber o número exato das pessoas vítimas da chacina. Hitler indicou o número de setenta e sete, mas pensa-se que o número verdadeiro deve andar perto dos quinhentos.

[12] Segundo o irmão de Strasser, Otto Strasser, que afirma ter sido informado disso pelo guarda encarregue de limpar o sangue e de fazer desaparecer das paredes a marca do impacto das balas, dois desses SS eram Reinhard Heydrich e Theodor Hicke. É possível quanto ao primeiro. O segundo estava nesse momento em Munique.

Hitler entra em Berlim

No decorrer da tarde de sábado, 30 de junho, Hitler sai de Munique e vai para Berlim.

No aeroporto de Berlim-Tempelhof, enquanto esperam o avião do Führer, os oficiais veem pousar no fim da pista um pequeno *Junkers* que rola lentamente em direção à torre e que depois se imobiliza perto de um *Mercedes* negro da Gestapo. O *Hauptsturmführer* das SS Gildisch desce do avião. Depois, enquadrado por dois SS de revólver em punho, sai também o *Obergruppenführer* das SA Karl Ernst, preso em Brema no momento em que ia embarcar com a sua jovem esposa para a viagem de núpcias. Gisevius escreveria:

«O rapaz parecia bem-disposto. Saiu do avião e dirigiu-se para o carro com passos ligeiros, sorrindo para todos os lados, como se quisesse mostrar que não levava a sua prisão a sério.»

Manifestamente, o chefe das SA não compreendeu o que se passava. Iria ser abatido em Lichterfelde, gritando: «Heil Hitler!», persuadido de que tombava vítima de alguma conspiração reacionária.

O grande trimotor *Junkers-52* de Hitler apareceu então no céu. Após uma volta ao terreno, pousa pesadamente e avança para os oficiais. Quando param os seus motores, aparece Hitler. A guarda de honra das SS está rígida. Reina um silêncio geral, opressivo.

H. B. Gisevius, presente, contaria:

«Adolf Hitler foi o primeiro a descer. Tudo na sua pessoa era sombrio: camisa castanha, gravata preta, casaco de cabedal, botas altas da ordem. Levava a cabeça descoberta e tinha o rosto lívido, mal barbeado, com as feições simultaneamente cavadas e inchadas, os olhos apagados e o olhar fixo, meio dissimulado sob o cabelo que lhe caía para a testa (...). Saudaram-no de todos os lados. Hitler estendeu a mão sem dizer uma palavra àqueles que o rodeavam. Entretanto, os passageiros descem do aparelho: Bruckner, Schaub, Sepp Dietrich e outros. Parecem graves, acabrunhados. Por fim, uma figura diabólica surge: Goebbels. Lentamente, cerimoniosamente, com passos pesados, de uma extremidade à outra. A todo o instante, dá a impressão de ir cair numa das poças de

água que se encontram espalhadas pelo campo. Quando se dirigia para a fila de carros que se encontravam a algumas centenas de metros, parou com Himmler e Goering. Certamente, os seus dois acólitos faziam-lhe um relatório, apesar de ter estado todo o dia em contacto com eles pelo telefone.»

E Gisevius prossegue:

«Então, Himmler tirou do bolso uma folha de papel amarrotada. Hitler observou-a enquanto os dois homens não deixavam de lhe falar ao ouvido. Vemos Hitler seguir a leitura com um dedo, detendo-se a tempos um pouco mais demoradamente sobre um nome. Os murmúrios tornam-se então um pouco mais animados. De repente, ele atira a cabeça para trás, com um gesto de tão profunda emoção, para não dizer de revolta, que todos os assistentes reparam nele. Nós fitámo-nos com um ar significativo, Arthur Nebe[13] e eu. Tivemos a mesma ideia. Acabavam de lhe assinalar o "suicídio" de Gregor Strasser.»

Um crepúsculo vermelho sombrio, muito wagneriano, dava à cena um caráter excecional e a verdadeira cor àquele dia sangrento. Estaria acabado? Não! Roehm vivia ainda, na sua cela de Munique, sobressaltado, como tantos outros que nessa noite de 30 de junho para 1 de julho de 1934 receavam encontrar-se entre as próximas vítimas designadas. O medo, o terror e a angústia assinalam essas horas alucinantes.

O chefe da Polícia prussiana, o SS Kurt Daluege, inicialmente o alter ego de Himmler, não escapa a essa angústia, quando aparentemente nada o ameaça, visto ele ter estado do lado dos assassinos, com eles. Preferiu mandar instalar uma cama de campanha no seu gabinete do Ministério do Interior do Reich. Gisevius entendeu-o mal. Conversando com o ajudante-de-campo de Daluege, disse-lhe:

— Que boa prova de zelo dá o nosso chefe, passando a noite no seu escritório...

O outro interrompeu-o:

— De zelo? De zelo?

Subitamente tornou-se sombrio e vermelho e falou com voz trémula:

— Ele tem receio... receio. Por isso é que não foi para casa.

Ernst Roehm fora poupado pelo Führer.

[13] General das SS, chefe da Polícia criminal, perito criminal que viria a tornar-se ferozmente antinazi e acabaria por ser enforcado pelas SS em 1945.

Na noite de 30 de junho para 1 de julho, Goering, Himmler, Sepp Dietrich e Heydrich (parece que Rudolf Hess não se encontrava presente) reuniram-se no gabinete de Goering; era preciso que Hitler desse ordem para executar Roehm.

Durante toda a manhã do dia 1 de julho, na Chancelaria do Reich, Himmler e Goering esforçam-se por convencer o Führer. Em vão. Os dois sinistros compadres insistem. Sabem bem que Roehm vivo é uma arma contra eles. Hitler sabe-o também. É por isso que ele evoca os anos passados, os serviços prestados. Que novos argumentos encontram Himmler e Goering para fazerem ceder Hitler passo a passo? Ignora-se. Um pouco antes das treze horas, eles tinham vencido. Alguns instantes mais tarde, o Führer entrava em comunicação com o Ministério do Interior em Munique. Deu ordens bem claras ao *Oberführer* das SS Theodor Eicke: suprimir Roehm convidando-o, se possível, a suicidar-se. Hermann Goering mostra-se radiante. Heinrich Himmler dissimula bastante bem a alegria que o invade.

O assassínio de Roehm

Logo que acabou de desligar o telefone, o *Oberführer* das SS Theodor Eicke chamou dois SS de confiança, o *Sturmbannführer*[14] Michael Lippert e o *Gruppenführer* Schmauser, dirigindo-se os três à prisão de Stadelheim. Seria preciso esperar vinte e três anos para que as circunstâncias exatas do assassínio de Roehm pudessem ser reconstituídas. Recordo-me de que foi em maio de 1957, em Munique, no decorrer do processo da purga das SA, cujos debates eu seguia como enviado especial de um grande diário parisiense. Dois grandes chefes das SS compareceram: Sepp Dietrich e Michael Lippert. Ambos, sobretudo o segundo, contaram em pormenores, pela primeira vez, como Roehm havia sido abatido[15].

Na cela 474 da prisão de Stadelheim, Roehm continuava sentado sobre a cama, de torso nu. A porta abriu-se. Theodor Eicke entrou, colocou

[14] Comandante.

[15] A imprensa francesa falou muito pouco disto. Um dos meus colegas americanos, John Dornberg, fez uma excelente análise desse processo na sua obra *Schizophrenic Germany* (Nova Iorque, 1961).

sobre a mesa um revólver carregado com uma única bala e uma edição muito recente do *Volkischer Beobachter*, que anunciava em grandes letras a destituição de Roehm. E voltando-se para Roehm, disse:

— Você deu cabo da sua vida. O Führer não esqueceu o seu antigo companheiro de combate. Dá-lhe ainda uma ocasião para tirar as conclusões que se impõem. Tem dez minutos.

Roehm não respondeu.

Eicke saiu.

Ao fim de um quarto de hora, não tendo ouvido nenhuma detonação, Theodor Eicke puxou do seu revólver e o seu adjunto Michael Lippert fez o mesmo. Eram dezoito horas. Os dois SS penetraram de novo na cela de Roehm. O *Gruppenführer* das SS Schmauser, também de revólver em punho, fica no corredor. Eicke exclamou:

— Roehm, prepare-se!

O fundador das SA tinha o *Volkischer Beobachter* na mão. Estava de pé, sempre de torso nu. Lippert, cuja mão tremia de emoção, disparou dois tiros. Roehm cai de costas, entre a mesa e a cama, balbuciando:

— *Mein Führer!... Mein Führer!...*

Theodor Eicke acabou com ele, disparando uma bala sobre o peito de Roehm.

As SA estão completamente neutralizadas. O seu chefe jaz numa poça de sangue, morto. Durante a noite seguinte, o corpo de Roehm foi transportado para o pátio da prisão de Stadelheim para ali ser enterrado, segundo dizem uns, ou para o forno crematório do cemitério a leste, em Munique, segundo afirmam outros.

Nos jardins da Chancelaria

Nessa tarde de domingo, 1 de julho, em Berlim, o Führer ofereceu um chá nos jardins da Chancelaria do Reich, para o qual foram convidados diplomatas, ministros, deputados do Reichstag, altos dignitários do partido e das SS. Ouve-se a multidão, que, amontoada diante da Chancelaria, reclama o Führer. Este, radiante, aproxima-se da janela e saúda a multidão, que grita: «Heil Hitler!»

Gisevius, que o observou ao vê-lo voltar aos jardins, notou:

«Compreendi nesse momento como aquele homem se encontrava inquieto nesse dia e como tentava fugir à sua perturbação interior refugiando-se na pose que se tornou, desde então, a sua arma mais eficaz.»

Rodeado de diplomatas e de mulheres elegantes, Goering não parece nada atormentado. Estava triunfante. Dando menos nas vistas, rodeado de alguns oficiais das SS e de dignitários do partido, Heinrich Himmler estava discretamente sorridente. Heydrich estava ausente. Na sede da Gestapo, no seu gabinete, ele dava os retoques finais nessa «Noite dos Facas-Longas», que ia dar às SS em geral, isto é, a Himmler e à Gestapo em particular, ou, melhor ainda, a Heydrich, um poderio consideravelmente reforçado. Muitos homens vão ainda morrer durante a noite do dia 1 para o dia 2 de julho.

Quando um jovem oficial das SS estendeu a Hitler uma mensagem anunciando-lhe que Roehm recusara o suicídio e fora abatido, Hitler ficou muito pálido. Enfiou a mensagem no bolso e alguns minutos mais tarde retirou-se para os seus aposentos.

Nessa noite, Hitler recebeu este telegrama de felicitações:

> «Vejo pelos relatórios que observei que esmagou todas as revoltas insidiosas e todas as tentativas de traição, graças à sua intervenção pessoal, enérgica e corajosa. Salvou o povo alemão de um grande perigo. Testemunho-lhe o meu profundo reconhecimento e a minha sincera estima.
>
> *Von Hindenburg*.»

Só por volta das 3.30 horas, na segunda-feira, 2 de julho de 1934, é que Hitler daria ordem a Heydrich para cessarem as execuções.

As SS triunfam

A 2 de julho, Hitler dirigiu uma ordem do dia às SA exigindo «a disciplina mais perfeita, uma lealdade e uma fidelidade sem reservas em relação ao Exército do Reich».

A 3 de julho, o novo chefe de estado-maior das SA, Viktor Lutze, dirigiu por sua vez aos seus homens uma ordem do dia, mantendo a licença de trinta dias prescrita, exigindo que o nome de Roehm fosse apagado das lâminas dos punhais de honra das SA, a lâmina dos «Facas-Longas».

As SA são reorganizadas. O total dos efetivos, que ultrapassava 3.000.000 na primavera de 1934, reduz-se progressivamente para 1.200.000. As SA deixam de andar armadas. A sua função, exclusivamente política, consistirá daí em diante a servir de órgão de autodefesa e de propaganda do NSDAP. De formação militar, as SA passam a formação militante, como faz notar Jacques Benoist-Méchin. Na altura, no *Candide* do dia 7 de outubro de 1937, Jean Fayard escreveu: «Fisicamente, um miliciano das SA é o instrumento do poder político. Moralmente, é um sacerdote menor de uma nova religião.»

As SS, essas, tornaram-se o sacerdote maior. Foram elas as grandes triunfadoras da «Noite dos Facas-Longas». Aplicaram rigorosamente a divisa que Hitler lhes dera: «A Minha Honra é a Minha Fidelidade.» Heydrich, cuja verdadeira ascensão começava, viu-se imediatamente recompensado por Himmler pelo papel que acabara de desempenhar. Foi promovido a *Gruppenführer* das SS com data de... 30 de junho de 1934. Conseguiu também ganhar a confiança do Führer. O tandem Himmler-Heydrich encontrava-se agora bem ratificado.

Heydrich progressivamente independente

A chacina dos elementos das SA na «Noite dos Facas-Longas» inicia rapidamente Himmler e Heydrich nos métodos expeditos exigidos pela justiça feita à moda de Hitler. As SS, tornadas forças independentes a 26 de julho de 1934, reclamam uma sólida armadura. Obcecado pela ideia da pureza da raça, o «Mito do Sangue», pela criação e desenvolvimento da «Ordem Negra», Himmler passou a consagrar-se quase exclusivamente a essa tarefa e deixa Heydrich inteiramente livre para «fazer da Polícia do III Reich uma força exclusivamente SS».

Com as suas ambições desenfreadas, Heydrich vai rapidamente fazer da sua força policial um estado dentro do Estado nacional-socialista.

O seu diagnóstico é justo: num regime totalitário moderno, o princípio da segurança do Estado não conhece limites e, por consequência, o titular dessa função policial via-se obrigatoriamente investido de um poder quase absoluto.

A 17 de junho de 1936, quando Himmler se tornou chefe de todas as Polícias alemãs, incluindo da Polícia criminal dirigida por Arthur Nebe, Heydrich foi quem passou a ser, de facto, «chefe».

O decreto de 17 de junho de 1936, assinado por Hitler e Frick, ministro do Interior do Reich, foi assim redigido:

«1. Um posto de chefe da Polícia alemã foi criado no Ministério do Interior do Reich para assegurar a coordenação das atividades policiais; todos os assuntos de polícia dos Ministérios do Interior do Reich e da Prússia serão da sua competência.

2. O *Reichsführer* das SS Heinrich Himmler, adjunto do chefe da Polícia Secreta da Prússia, é nomeado chefe da Polícia alemã no Ministério do Interior do Reich. Encontra-se pessoal e diretamente subordinado aos ministros do Interior do Reich e da Prússia. Na ausência destes, substitui-os nos domínios da sua competência. A sua designação oficial é: "Chefe das SS para o Reich e chefe da Polícia alemã no Ministério do Interior do Reich."

3. O chefe da Polícia alemã no Ministério do Interior do Reich assiste às reuniões do gabinete do Reich sempre que se trate de questões que sejam da sua competência.

4. Os ministros do Interior do Reich e da Prússia ficam encarregues de velar pela execução do presente decreto.»

Os ministros do Interior podem, portanto, pedir a Himmler contas da sua atividade, mas, na realidade, a tutela administrativa dos ministérios sobre o departamento da Polícia permanecerá puramente fictício. Logo que se instalou nessas funções, Himmler altera completamente não só o departamento da Polícia, mas também os serviços vizinhos que anexa (entrega de passaportes, licença de porte de armas, imprensa, etc.). A nova organização inspira-se na ideia de que o adversário do regime nacional-socialista é tanto adversário político como o adversário racial, como o criminoso de direito comum. Por isso, os criminosos de direito comum são tratados como adversários políticos da ordem nazi, do mesmo modo que os adversários ideológicos, que, inversamente, são considerados, graças a essa assimilação, como degenerados, em vez de

simples criminosos. Desse modo todos são sujeitos ao internamento em campos de concentração.

O departamento propriamente policial fica dividido em dois gabinetes principais (*Hauptamter*):

1. A Polícia da ordem em uniforme (*Hauptamt Ordnungspolizei*, *Uniformierte Polizei*, ou *Orpo*), que agrupa a Polícia comunal, a gendarmeria e a *Schutzpolizei*, ou *Schupo*, e que é dirigida pelo *Obergruppenführer* das SS Kurt Daluege;

2. A Polícia de segurança (*Hauptamt Reichssicherheitspolizei*, ou *Sippo*), dirigida por Reinhard Heinrich.

Se bem que continuasse teoricamente sob as ordens de Himmler, Heydrich foi ficando progressivamente independente. Construindo um verdadeiro labirinto de serviços diversos, elaborou um sistema de controlo cujo gigantesco e suspeito aparelho não tardou a abarcar toda a Alemanha e depois uma grande parte da Europa.

Isto não se fez sem alguns choques com Himmler. A Sra. Heydrich disse-me que as discussões entre os dois homens terminavam por vezes com uma explosão de cólera por parte do *Reichsführer* das SS, bem característica do seu temperamento.

— Você... você e a sua lógica! Intervém sempre com a sua lógica! Tudo o que proponho você deita abaixo com a sua lógica. Estou farto de si e das suas frias críticas cheias de raciocínio.

O cofre-forte de Heydrich

Mas Himmler tem necessidade de Heydrich e não quer separar-se dele. Até que ponto o temido Himmler não terá medo do temível Heydrich? Ao princípio, Himmler julgou encontrar em Heydrich um companheiro extraordinariamente dotado, mas que, carregado com uma pesada hipoteca racial (a avó judia, Sarah), seria um companheiro ideal capaz de lhe abrir caminho para as mais altas esferas do Poder, sem nunca vir a tornar-se seu rival. Himmler sabe agora que se enganou, mas é tarde de mais. Se bem que Heydrich não se apresente como seu rival, a união dos dois é indissolúvel. Estão ligados para o pior.

Com exceção de Martin Bormann, que, graças ao seu posto de con-

fiança junto do Führer sobretudo a partir de 1941, terá o direito de se considerar como intangível, todos os dirigentes nazis, sem exceção, recearão Heydrich, mesmo que eles ocupem uma posição superior à dele na hierarquia do III Reich. E é com um misto de fascínio e de impotência que eles vão seguir a sua ascensão aparentemente irresistível, que sentirão como a aproximação inevitável de uma catástrofe.

Nos anos de 1934-1939, e será pior depois de 1939, só a menção do nome de Heydrich e mais ainda o seu aparecimento em pessoa bastavam para esfriar qualquer reunião berlinense, sobretudo nacional-socialista. É claro que Heydrich mantinha a maior discrição, evitando lançar-se para a frente em público. Não é Goebbels, Goering ou Ribbentrop. Desdenha a publicidade pessoal e parece satisfeito por continuar a ser uma personagem secreta, de impecável uniforme negro e prateado, ao lado do *Reichsführer* das SS.

Desde o início da sua carreira à frente do SD, Heydrich percebera o valor do ficheiro pessoal elaborado por Himmler, e, a partir desse momento, começara a reunir ele próprio novas informações «respeitantes tanto a criados como a ministros», persuadido de que só o conhecimento das fraquezas dos outros lhe permitiria criar um poder seguro.

O seu poder repousa desde então no seu cofre-forte, colocado no gabinete do SD, do qual mais ninguém tinha a chave. Ali se empilham os dossiês onde se estudavam as origens das personalidades nacionais-socialistas. Heydrich conhecia a genealogia incerta de Adolf Hitler, assim como a existência de judeus na ascendência de Himmler, de Rosenberg, de Hans Frank, do general Milch, de Robert Ley. Não ignorava nada dos negócios particulares de Goebbels, Streicher, Bormann, Hess, e das tendências para a corrupção de Goering. Melhor do que qualquer outro dos seus associados ou rivais, Heydrich sabia, desse modo, garantir uma influência indireta mas eficaz e provocar discretamente inversões de poder que só se revelavam publicamente no momento da queda do interessado.

Heydrich não se limitava a reunir meios de chantagem contra os indivíduos. Qualquer grupo ou organização que ele achasse poder representar perigo para o III Reich, num futuro próximo ou distante, ou para si próprio, tornava-se imediatamente objeto da sua atenção. Bem entendido que após a eliminação de Roehm, o Estado-Maior-General

alemão ocupava a primeira fila da lista dos suspeitos[16]. Mas Heydrich preocupava-se também com as potências estrangeiras. Voltaremos a este ponto.

Uma curiosa instituição das SS: «Salão Kitty»

Louis, o *barman*-chefe do Hotel Adlon, em Berlim, sente-se pouco à vontade. O «patrão» encontrava-se ali, consideravelmente embriagado, na companhia de um dos seus subordinados, não menos ébrio. Trabalhar para o SD dava muito dinheiro e era agradável, mas quando o chefe, Reinhard Heydrich, se transformava em cliente, e em cliente embriagado, Louis não se sentia bem. Assim, esfregava com encarniçamento os seus copos e ia-os arrumando cuidadosamente, junto das garrafas, evitando olhar para Heydrich ou para Naujocks, seu companheiro.

Heydrich e Naujocks bebiam gin após gin. O primeiro, que oscilava sobre o banco em que se encontrava sentado, não parava de dizer graças de ébrio, olhando para uma rapariga loura, de cabelos longos e sedosos, de ancas e peito generosos, que se encontrava sentada na outra extremidade do bar.

A rapariga fingia não o ouvir.

Já passava da uma e trinta da noite. A jovem descruza lentamente as pernas, fazendo subir a saia estreita, e dirige-se para o vestiário, passando perto dos dois SS. Heydrich volta-se, vacilante, quase a cair, e agarrando a rapariga pelo pescoço, diz-lhe:

— Sabes, linda loura, quem eu sou?

Não. Ela não sabia. Louis esconde o nariz entre os seus copos. Naujocks toca no braço do chefe.

— Vamo-nos embora!

— Não! — replicou Heydrich com voz rouca.

Depois, atraindo o rosto da rapariga para o seu, continuou:

— Sou Heydrich... Reinhard Heydrich... O chefe da Gestapo e do SD... Compreendes? Queres trabalhar para mim? — Voltando-se então

[16] Jean Mabire trata, mais adiante, dessa luta da Gestapo contra a Wehrmacht, assinalada pelo caso Blomberg-Fritsch. E nós próprios iremos tratar da batalha travada pela Gestapo contra o Abwehr do almirante Canaris.

para Naujocks acrescenta: — Tive uma ideia, Alfred... Poderíamos utilizar a nossa amiga, não é, Alfred?

Agora segurava a jovem pelo pescoço.

— Com certeza que hás de gostar... Vamos... Vem ao meu gabinete para conversarmos sobre isso.

Alfred Naujocks vê o par sair, e sente-se aliviado.

No dia seguinte de manhã, Naujocks, que sentira os efeitos da ressaca da noite anterior, foi convocado para o gabinete de Heydrich. O chefe do SD não parece estar abalado pela noite de bebedeira. Declarou:

— A noite passada foi muito agradável, apesar de você não parecer ser da mesma opinião, hem? Tive uma ideia brilhante que lhe vai agradar... Quero criar uma casa fechada, de grande classe, para diplomatas, altos funcionários, políticos, homens de negócio estrangeiros, enfim, para pessoas que mereçam consideração. Se organizarmos as coisas convenientemente, podemos ser capazes de reunir muitas informações úteis que essas personagens deixariam escapar nos seus... hum... momentos de euforia.

Naujocks fica mudo de surpresa. Heydrich apressa-se a acrescentar:

— Walter Schellenberg vai arranjar-nos uma boa casa. Vá visitar algumas com ele. Volte aqui quando tiver encontrado uma que ache conveniente. Arthur Nebe está encarregue de procurar as pensionistas e o pessoal de escuta. Vocês ocupar-se-ão da instalação. A casa chamar-se-á «Salão Kitty». Ela virá em breve falar consigo!

— Quem é que vem falar comigo?

— Kitty Schmidt. A rapariga que o nosso gabinete de Viena descobriu, sabe? Tem muita experiência e caráter[17]. E... e parece-se estranhamente com a loura com a qual eu falei a noite passada.

Naujocks saiu do gabinete de Heydrich completamente desanimado. Aquela nova missão ultrapassava os limites. Aquele diabo do Heydrich sabia realmente rebaixar as pessoas. Não era esse o género dele?

Porém, Naujocks viria a descobrir rapidamente que o projeto era sé-

[17] No início da década de 50, um curioso cortejo fúnebre apareceu num grande cemitério berlinense. Homens da alta sociedade, com chapéus altos e monóculos, relíquias da nobreza a leste do Elba, alguns diplomatas também, transportavam uma urna contendo as cinzas de uma mulher que constituíra um elemento do esplendor da capital, do mesmo modo que a porta de Brandeburgo, o Hotel Adlon ou a Pastelaria Kranzler: Kitty Schmidt. A sua clientela, reconhecida, acompanhava-a à sua última morada...

rio, oficial, e que figurava na lista dos empreendimentos secretos. Schellenberg depressa arranjaria uma casa: um grande edifício de quatro andares, com uma vasta cave, uma dúzia de quartos, uma biblioteca, uma sala de bilhar e quatro salões. Completa e luxuosamente mobilada, a casa fica instalada num bairro chique, o de Kufurstendamm, na Giesebrechstrasse.

Quilómetros de fios, perfeitamente invisíveis, são colocados em todos os quartos. Em breve há microfones por toda a parte; atrás dos quadros, nos candeeiros e nos puxadores das portas, no interior dos cadeirões, em cima dos armários, à cabeceira e aos pés das camas. Na cave, centro nevrálgico da instalação, estão instalados os aparelhos registadores. Nos quartos, atrás dos espelhos sem estanho, são colocadas máquinas fotográficas, que, pensa Heydrich, serão as mais úteis, pois a velha chantagem sexual não é desprezada pelo chefe do SD.

O «Salão Kitty» abriu na data prevista por Heydrich. As rolhas das garrafas de champanhe saltaram para celebrar o acontecimento. Heydrich estava satisfeito. Kitty e Nebe tinham trabalhado bem: as raparigas eram todas muito bonitas. O «Salão Kitty» irá conhecer um longo e grande êxito. Numerosos serão os homens de Estado, os diplomatas, etc., que irão ali divertir-se em companhia de belas jovens profissionais, ou de raparigas de excelentes famílias que procuravam discretamente prazer e algum dinheiro.

Este estabelecimento, tão contrário à moral oficial germano-nazi, era não só grandemente lucrativo para o SD, como constituiu também uma inapreciável fonte de informações confidenciais.

O conde Galeazzo Ciano, genro de Mussolini, iria ali regularmente durante as suas estadas em Berlim. Um dia, por ocasião de um *garden-party* na *villa* de Joachim von Ribbentrop, em Dahlem, puseram à sua disposição um verdadeiro enxame de belas estrelinhas da UFA. Ciano disse ao seu intérprete, o SS Eugen Dollmann:

— Esse imbecil do Ribbentrop julgará ter de se ocupar de mim, mesmo de noite? Prefiro a discrição do vosso Heydrich. E apesar dos microfones, o «Salão Kitty» possui as mais lindas raparigas de Berlim.

O próprio Heydrich ia de tempos a tempos fazer «visitas de inspeção» ao «Salão». Quando isso sucedia, a ordem era formal: «Desligar os microfones!»

Schellenberg dizia a esse propósito:

«Heydrich entregava-se à sexualidade sem a mínima restrição ou precaução. Perdia então toda a prudência calculista que caracterizava todas as suas outras ações. No entanto, ele voltava a dominar-se rapidamente, a tempo de evitar incidentes graves de mais.

Uma noite, Naujocks, cedendo a um impulso malévolo, registou todas as palavras do seu chefe. No dia seguinte de manhã teve o cuidado de destruir tudo. Mas Heydrich já fora prevenido. Convocou Naujocks, que negou. Heydrich ficou furioso.

— Ou mente ou está a ser negligente. O seu dever é desligar todos os microfones quando eu lá vou. Talvez pense fazer-me cantar. Aconselho-o a refletir duas vezes nisso. E agora saia!»

Putsch nazi em Viena

A ascensão de Heydrich acabava de tomar um novo rumo. A opinião pública internacional esquecera um pouco a indignação provocada pela matança da «Noite dos Facas-Longas», quando outro crime fez levantar nova vaga de indignação contra os nazis.

Em Viena, a 25 de junho de 1934, às onze horas da manhã, o Conselho de Ministros estava reunido sob a presidência do chanceler Dollfuss. As deliberações tinham-se iniciado quando apareceu Fey, ministro da Polícia, que interrompeu os debates e chamou Dollfuss de parte para lhe comunicar, por breves palavras, que se ia desencadear um golpe de força dos nazis austríacos de um momento para o outro. Dollfuss está incrédulo. No entanto, o seu instinto de camponês incita-o à prudência. Dá parte aos seus colaboradores da notícia de que acaba de ter conhecimento.

— Ignoro até que ponto esses rumores de *putsch* são bem fundados — diz-lhes —, mas creio que será mais sensato interrompermos a nossa reunião. Mandar-lhes-ei dizer quando pudermos voltar a deliberar...

Os ministros, impressionados, retiram-se apressadamente. Junto do chanceler ficam apenas Fey, o general Zehner, secretário de Estado para a Defesa Nacional, Von Karwinsky, secretário de Estado para a Segurança, e o general Wrabel.

Não tinham ainda tomado nenhuma contramedida. Eram 12.30 ho-

ras. O telefone tocou no gabinete do chanceler. Do outro lado do fio, um polícia de Fey, Anton Marek, de serviço na Siebensterngasse, anunciou com voz ofegante:

— Os camiões nazis acabam de sair do ginásio! Não há um minuto a perder.

Na verdade, era já tarde de mais. Quando Von Karwinsky, às 12.35 horas, deu ordem ao prefeito da Polícia para fechar o Bairro de Ballhausplatz e enviar destacamentos armados para Siebensterngasse e para a Chancelaria, os camiões transportando os cento e cinquenta e quatro nazis pertencentes ao regimento nº 89 (Standarte 89) da SS clandestina vienense, envergando uniformes do Exército federal austríaco, desembocam diante da porta principal da Chancelaria. O portão está aberto. Estava-se a proceder ao render da guarda, que, sem munições, foi rapidamente dominada. As SS comandadas por Holzweber atravessaram o pátio em passo de corrida e dirigiram-se para todos os corpos do edifício, que ocuparam em poucos minutos, não tendo encontrado resistência.

As instruções que tinham eram formais: não se servirem das armas senão em último caso e, mesmo assim, só disparar para as pernas. Um dos grupos, comandado por Otto Planetta, chegou ao primeiro andar. Tendo encontrado o gabinete do chanceler vazio, o chefe do grupo seguiu por um corredor muito sombrio que ia ter à sala do Congresso, brilhantemente iluminada. Encadeado pelo contraste, Planetta vê subitamente avançarem para ele cinco homens dos quais três vestem uniformes do Heimwehr[18].

— Mãos ao ar! — brada Planetta.

Fey, Karwinsky, Wrabel e um oficial de diligências obedecem. Mas a quinta personagem, um homenzinho trajando à civil, que se encontrava na segunda fila, afasta-os e avança para Planetta a fim de lhe falar. Surpreendido, Planetta levanta o revólver e grita:

— Mãos ao ar!

Soaram dois disparos. O civil cai. Planetta debruça-se sobre ele e vê então que se trata do chanceler Dollfuss. A primeira bala atravessou-lhe o pescoço, a segunda alojou-se na coluna vertebral.

[18] Grupo de autodefesa de direita que conta 25.000 homens, 8000 dos quais poderosamente armados e divididos em quatro regimentos que constituíam a secção vienense do Heimatschutz do major Fey.